2.º ANNO — 1896
AGOSTO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO E DO PÃO DE S. ANTONIO E BOLETIM DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S., Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos.

Typ. a vapor de Arthur José de Souza & Irmão
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1896

O REINADO DAS TREVAS

Santos da maçonaria. — A maçonaria em Portugal. — O registo civil. — Crispi e a maçonaria. — Mais um escandalo — E' a maçonaria patriota? — A maçonaria no Brazil. — O grão-mestre da maçonaria brazileira. — Educação maçonica.

Santos da maçonaria. — Fallar de santos na maçonaria seria um contrasenso se por esse nome entendessemos esses vultos limpos e puros que a Egreja venera sobre seus altares. Mas não, os santos da maçonaria são d'outra estofa, são d'outro cunho.

Muitas vezes para significarmos uma cousa diametralmente opposta usamos figuradamente as mesmas palavras com que exprimimos o sentido contrario. E' o que succede presentemente.

Na maçonaria são synonimos santo e malvado, santo e ateu, santo e impio, santo e... todas as palavras que nas linguas vivas ou mortas têm significado alguma acção immoral ou corrupta dos individuos ou da sociedade.

Não é necessario para ser santo na maçonaria que se sente patente de admissão aos graus da seita: não, basta que a vida de um homem esteja em collisão com os principios immortaes da Egreja para logo ser apresentado ás turbas como modelo acabado de perfeição.

Para um nome ser inscripto no calendario maçonico, a maçonaria não se arreceia de ir bater á porta de seus parentes atheistas, nem de se valer de seus amigos protestantes, nem de se soccorrer de seus antepassados do paganismo. Todos a servem. Ha apenas um adversario que ella não encara e em cujo odio se consome seu coração: é o catholicismo. D'esta nunca se acerca, senão é que por engano errou o numero. Assim é que se explica que nas lojas haja *santos* a todos os sabores, nomes para todas as manifestações.

E estes nomes, e estes *santos* são apresentados á veneração e culto dos *irmãos de avental* e apaniguados, como a Egreja apresenta á veneração dos fieis os santos immaculados do seu canon.

E são offerecidos aos filiados na seita como modelos da perfeita santidade maçonica. Não ha virtude que se lhes não attribua, não ha qualidade que não tenham, nem dotes de que não sejam prendados.

E com modelos semelhantes, como não serão *virtuosos* os pedra-maçóes!...

O *santo* por excellencia da maçonaria e que figura na cabeça do seu calendario é o anjo que primeiro alçou o grito de guerra contra Adonaï (é por este nome que o nosso bom Deus é designado na linguagem maçonica) dizendo: *non serviam*.

Após elle vêm estirado cortejo de espiritos infernaes que são os encantos da maçonaria. Segue-se lhes depois longa enfiada de mortaes que se assignalaram nos fastos da maldade e depravação e que a maçonaria tomou para norma de suas acções.

Surge-lhes na dianteira o fratricida Cain, tão habilmente aproveitado nos ritos e symbolos maçonico luciferinos.

E desde Cain que figura na historia dos primordios das nações até nossos dias, a maçonaria sempre tem encontrado os sympathicos que personificam os baixos sentimentos e ridos instinctos que hoje a encarnam.

São estes os *santos* que elle ergue sobre seus altares e a quem queima vil incenso.

E já que vamos fallando de *santos* maçonicos, vá de historia:

Ha pouco tempo em Paris os bufarinheiros da imprensa maçonaria lançavam pregão de uma manifestação anti-catholica diante da estatua de *Estevão Dolet*, erigida ha 6 annos sobre o pedestal de uma falsidade historica.

No dia aprasado os manifestantes, á vista da policia, percorreram as ruas da cidade com bandeiras desfraldadas até se irem defrontar diante da estatua de Dolet. — Se fossem os catholicos que agrupados e bandeiras ao vento percorressem alguma viella de Paris, aqui d'El-rei que infringiam as leis da republica e violavam a constituição. Porém quem assim passeiava livremente eram os pedreiros livres — e o presidente da republica e do ministerio são tambem trolhas, — eram os atheus, era a federação do livre pensamento, eram as emancipações femininas, era emfim a escoria da sociedade de Paris. E toda esta gentalha se foi postar deante do seu [illegible] assassino Dolet, victima (sempre a mesma [illegible] para lhe prestar sentida homenagem.

Durante 3 horas, oradores e oradoras [illegible] res sandices que dizer se podem.

E dentre a orchestra das blasphemias e impiedades soltavam gritos selvagens contra Deus, contra as cousas sacras e contra seus ministros.

Abaixo a padralhada! Viva a Communa! Abaixo a patria! Viva a revolução social! e tambem: *Abaixo* [illegible] — accusado de ter assassinado *Dolet!*... — eram os gritos que com mais insistencia repetia a multidão desvairada.

A manifestação porém não ficou ainda por aqui: — Um jovem catholico que, acceitando o repto dos seus adversarios, ousou subir á tribuna para lhes responder, foi em continente derribado e pisado a pontapés, murros, etc., ficando quasi morto pelos homens que accusavam os catholicos de intransigentes e assassinos! ..

Os sacerdotes que n'este dia aconteceu passarem pela estatua, tiveram de entrar em carros para se furtarem á saldade dos amotinados. Atacaram estes um *transeunte* em cujo imperial divisara um padre, e a um outro sacerdote perseguiram-no até a uma ponte, sendo necessaria a intervenção da policia para os salvar.

Quando já eram fartos de discursar organisaram uma verdadeira procissão que endireitaram para diversos logares junto d's quaes entre blasphemias berravam: *Viva a revolução social! Abaixo a patria! Viva a communa! Abaixo os padres!*

Foi este um dia de folga para o inferno.

E a policia e o governo que tantas procissões catholicas tem impedido, e processado os organisadores de outras, deixou complacente e até protegeu e alentou com sua tardada presença os inimigos de Deus, da Religião e da patria!...

O demonio do inferno tem hoje as honras do bom Deus do ceu!...

Que muito é que assim aconteça se as rodeas da republica franceza são regidas e moderadas por homens filiados na seita satanica?

O culto prestado a Dolet, assassino, de costumes dissolutos, e propagador de obras immoraes e licenciosas, teve um epilogo que nada destoou nem da festa, nem do festejado!

A maçonaria em Portugal. — A trasladação dos ossos de Sarah de Mattos, diz a *Nação*, a desventurada creança que o jacobinismo de varios matizes infamou foi, não ha negal-o, uma manifestação maçonica, que o *Seculo* desvendou com a publicação da gravura do mausoleu, no qual, sem o menor rebuço, se ostentam as insignias da seita anti catholica.

E depois de varias considerações prosegue: Ali (no cemiterio) onde só se deveria ouvir o murmurio das orações da Egreja elevadas ao ceu em favor dos mortos, atroam-se os ares com discursos descompostos, em que os arremedos oratorios medem competencias com as blasphemias pronunciadas! Ali ao lado da cruz que, apontando para o ceu, tem carinhosamente abertos os braços para a humanidade afflicta, ostentam-se sob a vigilante protecção das auctoridades, monumentos que não só são a negação da mesma cruz, do amor e perdão que ella nos lembra, mas a affirmação do odio e do eterno desafio do inferno ao ceu.

— Dias antes da manifestação maçonica no cemiterio dos Prazeres, no *Seculo*, inimigo figadal das Irmãs da Caridade e das congregações religiosas se fazia appello aos *liberaes* para que todos com sua presença abrilhantassem a festa da trasladação dos ossos de Sarah de Mattos, a victima dos *jesuitas*, como se lia na biliosa folha jacobina.

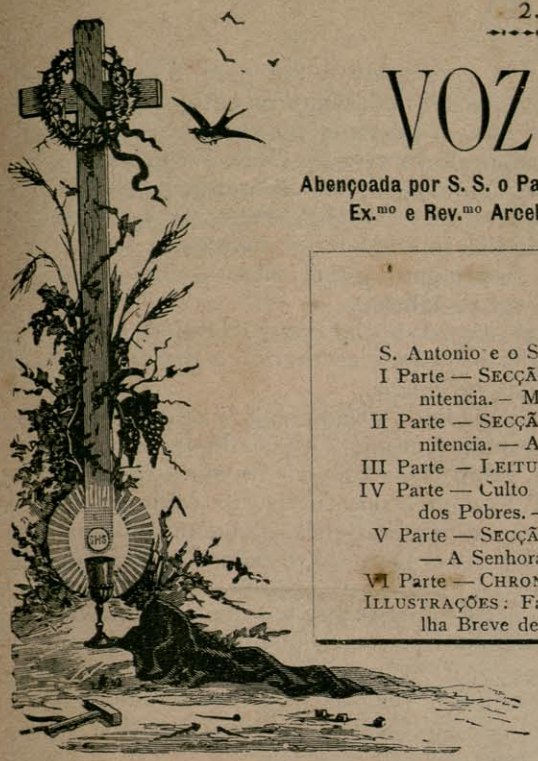
E o *Correio Nacional* commentando dizia:

Os *liberaes* que são chamados á manifestação de que se trata são os servos conscientes e inconscientes da maçonaria.

A questão de Sarah de Mattos tal qual a levantaram os *liberaes*, foi uma questão anti-religiosa, maçonica, sectaria. O cadaver de Sarah de Mattos foi assim victima de uma odiosa especulação e agora ainda vão ser profanados pelos inimigos de principios e instituições immortaes.

Não são chamados os *liberaes* a prestar homenagem á memoria de um ente que por qualquer titulo conquistasse durante a sua passagem na terra direito a uma apotheose.

2.º Anno — N.º 20 — AGOSTO 1896



VOZ DE S. ANTONIO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S. Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz, Arcebispo d'Evora e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos

SUMMARIO

S. Antonio e o Socialismo.
I Parte — Secção doutrinal: Exposição da Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. — Mais um thesouro: Novas graças de Leão XIII á O. Terceira. — Pensamentos.
II Parte — Secção historica: Vida de S. Lucio, primeiro filho da Ordem Terceira da Penitencia. — Anecdotas.
III Parte — Leituras recreativas: O menino do côro.
IV Parte — Culto de S. Antonio — Graças — Petições. — Chronica da Pia União e do Pão dos Pobres. — Medalha Breve de S. Antonio. — Echo das Missões.
V Parte — Secção scientifico-litteraria: A Politica debaixo do ponto de vista social. — A Senhora Apparecida (poesia de Thomaz Ribeiro).
VI Parte — Chronica universal: Varia.
Illustrações: Fachada da Sé de Braga. — Portico da egreja de Villar de Frades. — Medalha Breve de S. Antonio.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

S. ANTONIO E O SOCIALISMO

Não ha remedio. Não encontramos expediente mais facil e prompto para resolver qualquer duvida, ainda que intrincada, ácerca dos graves problemas da ordem social, que o estudo da vida apostolica do grande athleta do seculo XIII, luz e força dos seculos futuros. E' o *si quaeris miracula,* renovado constantemente atravez das edades, que se vão succedendo e das gerações, que se definham. Evocar os feitos brilhantes de um heroe, cuja memoria se perpetua na duração das obras que riscou o seu dedo gigante, e executou a sua força de ferro, é o melhor terreno em que se póde collocar quem pretende, senão rivalisar, pelo menos imitar os que foram grandes.

No coração de quantos não desejam viver só para si, como seres isolados no espaço imaginario, mas que teem a consciencia do dever de ser uteis ao seu similhante, a cuja sociedade estão ligados por vinculos sagrados, nasce, pela força espontanea da natureza commum, a vontade de debelar o mal que mortifica, total ou parcialmente, os membros d'essa mesma natureza.

Então procura conhecer a raiz dos males e busca o remedio mais efficaz para os combater.

Ora, não ha quem não reconheça que um dos males mais terriveis de que soffre a sociedade hodierna, universalmente, é o socialismo. Será nova esta enfermidade? Não poderá ser contada no numero das pragas que açoitaram em algum tempo as nações transviadas? Os antigos reformadores, chamados com muita razão os santos sociaes, não a conheceram? Ignoraram as suas causas? Não as combateram?... *Nehil sub sole norvum.* Os gemidos de hoje são echos amortecidos dos gritos dilacerantes de outr'ora.

A historia, luz do passado, mestra do presente, e propheta do futuro, traça, em quadros sombrios, as mesmas scenas desoladoras, realisadas em tempos esquecidos na campa do passado, que hoje se desenrolam á vista dos que vivem.

Mudaram-se os nomes, porque os tempos são outros, mas o theatro é o mesmo; a scena é identica; sómente os espectadores são diversos.

Volvamos ao seculo XIII. Não ha ahi nada que se pareça com o socialismo do seculo XIX? Graves auctores sustentam a resposta affirmativa, e não é difficil proval-a.

O que é, na verdade, o socialismo que hoje se apregoa, cujo nome foi sufficiente para lançar por terra uma Republica, a de França, em 1848, e levantar um Imperio, creado por cinco milhões de votos? Porque motivo não é admittido pela propria Revolução, que levou á guilhotina Gracchus Babeuf com maior pressa ainda que havia decapitado Luiz XVI? O que vem a ser esse socialismo, que teve por philosopho a Saint-Simon, cujo prégador foi Fourier, cujo organisador era Enfantin, e que pareceu adquirir força invencivel com a logica de Proudhon, até se renovar, como a aguia, com as doutrinas de Lassalle e Karl Marx? Como systema philosophico, é uma chimera absurda; como systema religioso, é o atheismo; como systema politico, é a destruição do que pretende edificar: a sociedade, supprimindo o individuo e destruindo a familia, pela negação da liberdade individual e do direito da propriedade.

E toda esta serie de erros gravissimos, com suas perversas consequencias, é, porventura, algum parto genuino de algum heresiarcha moderno?

Não, por certo. E' verdade que devemos a Rousseau a *fineza* impagavel de nos ter cosinhado, debaixo de uma nova forma, os manjares servidos, nos seculos anteriores, á mesa dos revolucionarios de todos os calibres, para saciar a voracidade dos modernos *espiritos fortes,* incapazes de descobrir por si mesmo os segredos de tão nobre sciencia antiga. Rousseau, verdadeiro pae de todos os socialistas e revolucionarios modernos, foi um bom cosinheiro, e mais nada. O cosinhado já era antigo. Platão, na sua *Republica;* Thomas More, na sua *Utopia;* Campanella, na sua *Cidade do Sol,* haviam preludiado a doutrina socialista.

Para não citarmos outros mais modernos, recordemos apenas o auctor do *socialismo d'Estado,* Hobbes, materialista perfeito, que no seu livro pestilencial, intitulado *Leviathan,* resuscitou o cesarismo pagão.

O direito da propriedade, então, achamol-o fortemente atacado nos tempos do nosso invencivel camartello de todos os erros, o thaumaturgo S. Antonio.

E' sabido que um dos maiores theatros das heroicas façanhas d'este portentoso Santo foi o sul da França, particularmente o Limousin. Ora, era precisamente alli, e no seu tempo, que a heresia dos Waldenses fazia inauditos estragos na sociedade.

Como o seu fim era atacar directamente a Igreja, não prégavam senão contra esta em particular, mas a deducção era facil.

Asseguravam que a Igreja tinha cessado no tempo do Papa Silvestre, porque n'essa época começára a possuir bens temporaes.

Que os clerigos deviam sustentar-se do trabalho de suas mãos, como os apostolos.

Que se lhes não devia pagar rendas nem pensões, nem legar cousa alguma á Igreja. Condemnavam todos os tribunaes e toda a auctoridade, ainda mesmo civil. Em nenhum caso era licito castigar os culpados. Todos os homens eram eguaes; os sacerdotes não tinham mais poder que os leigos nos ministerios da religião, etc. Não havia, portanto, Igreja, não havia clero, não havia sacramentos, não havia desegualdade de classes, não havia poder nem auctoridade social, nem tribunaes; não havia propriedade legitima.

Não é isto mesmo que préga hoje o socialismo pela bocca dos seus philosophos mais auctorisados, cujos nomes já citamos, e de outros ainda, como Louis Blanc, Comte, Leroux, Raspail, Bakounine, Mazzini, etc.? Não foi Proudhon, socialista avançado, pae dos anarchistas, que deixou gravada em lettras de fogo a synthese da sua theoria, que se vê inscripta em todas as bandeiras da Revolução: a propriedade é um roubo —, Deus é o mal —, o poder é a tyrannia?

Vem, ó Antonio Santo, desce de novo á terra, percorre, não já a França sómente, mas a Europa e o mundo inteiro; porque os erros nefastos que tu combateste no Limousin e no Languedoc, são hoje a doutrina seguida por todo elle.

Tu já começaste a tua obra, ó meigo Santo. Os apostolos do mal, como os antigos pagãos, promettem pão e prazeres ao povo para o attrahir, mas deixam-no morrer de fome. Ès tu que lhe dás o pão, e, como o divino Salvador, lanças ao universo o brado da caridade: *misereor super turbam,* tenho dó das multidões que morrem á fome.

E' o primeiro golpe vibrado nas promessas fallazes do socialismo.

Mas elles, os socialistas, pretendem estabelecer o reinado da justiça, arvorando a bandeira da mais iniqua das tyrannias.

O verdadeiro paladino da justiça social, foste tu, ó grande Antonio. Que o digam os povos de Verona, sobre cujas cabeças pesava o fero jugo do terrivel Ezzelino, que tu fizeste cahir a teus pés, humilhado e rendido pela eloquencia divina que animava as tuas palavras, e pelo celeste fulgor que illuminava a tua fronte augusta.

O socialismo apregoa aos quatro ventos da terra uma egualdade social, que jámais poderá existir.

Mas tu, ó Antonio, o Santo social por excellencia, soubeste realisar essa egualdade, a unica possivel, que é aquella que veiu trazer á terra o Filho Deus.

O Patriarcha de Assis, cuja doutrina tu auferiste dos seus proprios labios, escreveu para essa egualdade um codigo, a Regra da Ordem Terceira, que é a verdadeira democracia christã, a unica acceitavel.

E elle encarregou-te a ti de prégares esse codigo, de o promulgares, de o fecundares com a tua virtude, e de o sellares com o proprio sangue, se tanto fosse mister. E tu, fiel á tua missão, prégaste esse novo codigo, chamaste ás tuas fileiras os povos da Italia e da França, e a prova de que todos ficaram eguaes é que se chamaram irmãos. Outra egualdade não é possivel, outra justiça nunca reinará sobre a terra, nem outro pão será jámais levado ao tugurio do pobre pelo socialismo, senão aquelle que fôr o fructo do socialismo christão que tu prégaste, e que hoje se chama o *Pão de S. Antonio.*

Secção doutrinal

A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco d'Assis

CAPITULO II

Da Disciplina

(Continuação)

§ XIII

A visita aos enfermos deve ser feita pessoalmente pelo Ministro, o qual, não podendo, mandará outro em seu logar cumprir este officio de caridade. Se a doença fôr perigosa, exhortem o enfermo a regular os negocios da sua alma com tempo.

POSTO que para visitar os enfermos haja em cada congregação de Terceiros pessoas especialmente designadas para este officio, comtudo será

conveniente que todos e cada um dos pertencentes a essa congregação pratiquem esta obra de caridade. Sobretudo os superiores da congregação devem ser os primeiros a dar o exemplo, porque é intenção expressa do Seraphico Padre S. Francisco, que os que presidem devem ser servos dos outros irmãos; e por isso quiz que os superiores se chamassem *Ministros*. Não desdenhem visitar os pobres: o tugurio de pobre é a habitação de Deus. Antes, é a estes que devem visitar com mais frequencia, porque são os verdadeiramente necessitados, e quando poderem soccorram-nos na sua miseria. Convem, porém, que as visitas não sejam nem demasiado frequentes, nem muito demoradas, a não ser que haja necessidade real para o fazer, por falta de outra assistencia. Alias, seria fatigar o enfermo, ou distrail-o com conversas inuteis, senão prejudiciaes, n'aquelles momentos em que mais se

Fachada da Sé Cathedral de Braga

deve pensar na alma, que em qualquer outra cousa: as visitas de caridade não devem ter outro fim.

O mesmo director tambem deve visitar os Terceiros enfermos, e com obrigação tanto mais rigorosa que os demais, quanto a saude da alma é mais preciosa que a do corpo.

Sejam do mesmo modo breves as suas visitas mas conformes ao mais alto espirito de caridade, sem acceitação de pessoas, não se tornando mais assiduo nas visitas aos ricos do que aos pobres. Não haja differença entre uns e outros; são todos eguaes deante de Deus e filhos do mesmo pai S. Francisco, membros da mesma familia, a Ordem Terceira. No caso de haver preferencias, estas sejam para com os pobres. Não esqueça de os admoestar a soffrer com paciencia e resignação para se enriquecerem de meritos, e cure que os sacramentos sejam administrados a tempo.

No ultimo extremo applique-lhes a benção papal que a Regra concede.

§ XIV

Quando algum Irmão Terceiro tiver fallecido, reunam-se os irmãos que houver no logar, e os de fóra que lá se encontrarem, e rezem o terço do rosario em suffragio da alma do defuncto. Os Terceiros que são sacerdotes, e os leigos na sagrada communhão, se a poderem fazer, orem pelo eterno descanso do irmão fallecido.

Não foi em vão que S. Francisco quiz que os seus filhos da Ordem Terceira se tratassem com o amoroso nome de irmão e irmã. Os Terceiros devem amar-se como filhos de um mesmo pai. Este amor não pode ser sensual, porque a união que elle forma é puramente espiritual.

Mas o espirito não acaba com as cousas humanas, nem o ferro da morte deve ser sufficiente para quebrar os laços do nosso amor paternal. Se vivemos da fé, elevemo-nos acima da materia. Nosso irmão ou irmã defuncta estão esperando os nossos suffragios e pensando em nós. Lá do abysmo rogam-nos que nos lembremos d'elles, promettendo-nos a sua intercessão no paraiso em nosso favor, se os arrancar-mos d'aquelle carcere. Haveria coração, ainda que fosse de pedra, que se não quebrasse ao ouvir aquelles gemidos? Oremos, pois, pelos nossos defunctos, se não queremos ser crueis.

A' medida que os soccorrermos a elles, seremos soccorridos de Deus, quando nos acharmos em eguaes circumstancias.

Advirtam, todavia, os directores que nem todos os Terceiros poderão assistir aos funeraes dos irmãos defunctos, como a Regra recommenda, afim de junto do cadaver, se recitar o terço do rosario. Por isso é conveniente que nas reuniões mensaes, antes ou depois da conferencia, se recitem algumas orações pelos irmãos fallecidos, como, por exemplo, a coroa franciscana de Nossa Senhora, a Via Sacra, o officio dos defunctos etc. E' este um optimo costume já introduzido em muitas congregações de fervorosos Terceiros. Em algumas outras ha um dia fixo no mez em que todos os Terceiros se reunem para visitar a Via Sacra, pela mesma intenção depois de haverem commungado. Seria optima cousa que esta pratica se generalisasse, sobretudo nos centros mais populosos.

CAPITULO III

Dos Officios e da Visita

§ I

Os varios officios conferem-se na reunião dos irmãos. Estes officios duram tres annos.

Tanto o erigir novas Congregações de irmãos Terceiros, como presidir á eleição dos novos superiores da Ordem, compete exclusivamente aos Superiores Maiores da Primeira Ordem, isto é: ao Ministro Geral em todo o mundo, ao Provincial nos limites da sua provincia, e ao Guardião na sua guardiania. Cada um d'estes superiores pode delegar a outros esta faculdade. E' assim que ella se delega ao Visitador para os logares em que desempenha o seu officio; aos sacerdotes, ainda mesmo seculares, a quem foi concedido o diploma de director ou commissario, mas sómente n'aquella igreja ou parochia designada no diploma. Não gosam, porém, da faculdade de erigir novas congregações de Terceiros aquelles sacerdotes que apenas tivessem obtido licença para admittir á ordem ou á profissão, sob pena de nullidade, *ipso facto;* nem a igreja ou parochia onde esta congregação, assim formada, se estabelecesse, gosaria dos privilegios conferidos ás igrejas da Ordem Terceira, para lucrar as indulgencias que requerem a visita ás igrejas da Ordem, ou onde estiver erecta canonicamente a Congregação dos Terceiros.

A *erecção* d'uma Congregação ou Confraternidade de Irmãos Terceiros, e a *eleição* dos superiores ou da *Mesa* que preside a essa Congregação, são cousas distinctas, mas não separadas; é por isso que se não póde erigir validamente uma confraternidade, sem eleição de Mesa; esta porém, não basta por si só para constituir uma Congregação, como é evidente. Tanto a eleição da Mesa, como a erecção da Congregação fazem-se segundo as prescripções do cerimonial da Ordem, do qual fallaremos mais tarde, se Deus o permittir.

E' mister, todavia, para formar uma nova Congregação, que os Terceiros possuam uma Igreja, ou tenham pelo menos um altar, onde possam livremente exercer as suas funcções. Se o altar pertencer a igreja alheia, requere-se, como é de direito, licença dos superiores d'essa igreja para a erecção.

Em todos os casos é sempre exigida tambem a permissão do ordinario. A eleição da Mesa, pela primeira vez, é feita no acto da erecção da fraternidade, segundo o cerimonial da Ordem, approvado pela S. Congregação dos Ritos, e para o futuro de 3 em 3 annos, segundo o mesmo cerimonial.

A' eleição teem direito de concorrer, assim para eleger, como para ser eleito, todos aquelles que fazem parte da nova congregação. Os votos podem ser publicos ou secretos, mas é conveniente que sejam secretos.

O presidente da eleição não tem direito a nomear outros fóra dos que receberam o suffragio com maioria de votos; porque a Ordem Terceira está constituida em forma de republica ou democracia christã com eguaes direitos para todos e eguaes deveres. Não se requer, porém, que os eleitores designem os cargos que cada um dos componentes da Mesa deve desempenhar; basta que estes cargos sejam depois distribuidos pelos membros da Mesa entre si, em reuniões subsequentes.

Ha todavia casos em que, por justos motivos, se não procede assim, o que não é censuravel.

O numero dos vogaes da Mesa não é fixo. Deve porém haver, sobretudo nas Congregações numerosas, os sujeitos para desempenhar os seguintes cargos, designados com estes ou outros nomes da mesma significação: Ministro, vice-ministro, mestre de noviços, syndico, vigario do Culto, secretario, enfermeiro e alguns conselheiros ou definidores. Se a Congregação fosse pouco nume-

rosa um mesmo vogal poderia desempenhar varios cargos.

Nas Confraternidades onde houver irmãos de ambos os sexos, é conveniente que haja tambem duas Mesas, cada uma do seu sexo. Entre nós não se encontra este uso, que é mais conforme ao espirito da Regra, e muito em voga nos paizes extrangeiros; conviria adoptal-o.

Nas grandes reuniões em que o director, commissario ou visitador etc., preside, congregam-se os membros de ambas as Mesas. Nas sessões particulares reunem-se separadamente.

(Continúa).

Mais um thesouro de infinito valor, aberto á Ordem Terceira

O Santissimo Padre o Papa Leão XIII, cuja sollicitude para com a Ordem Terceira sómente é egualada pelo amor que elle consagra ao Pobresinho de Assis, dignou-se attender aos ardentes desejos de todos os filhos da Seraphica Ordem.

Por isso, recebendo benevolamente a supplica que lhe foi dirigida pelo zeloso commissario da Ordem Terceira, da igreja de Aracoeli, em Roma, o Rev. Padre Bartholomeu de S. Donato, expediu um breve, *Ad futuram rei memoriam,* que é mais um elogio tecido ao valente exercito da Terceira Ordem, no qual concede, *por cinco annos,* a todos os filhos d'esta Ordem a communicação ou participação de *todas as indulgencias e boas obras, para a vida e para a morte,* que estão concedidas á Primeira Ordem e á Segunda (das Clarissas).

Em signal de profundo reconhecimento para com tão bandoso pai, rogamos a todos os Terceiros que orem pela conservação do Invicto Leão XIII.

LEÃO XIII, PAPA

Ad futuram rei memoriam

Havendo-Nos o amado filho Bartholomeu de S. Donato Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, morador no Convento de Aracœli d'esta nossa alma Cidade de Roma, apresentado humildemente em seu nome e no de todos os irmãos e irmãs da dita Ordem Terceira vivas supplicas afim de que hajamos por bem communicar aos Terceiros de um e outro sexo derramados por todo o mundo todas e cada uma das indulgencias e graças espirituaes de que gosam os frades e freiras da Ordem Franciscana, Nós, a quem nada ha mais caro do que tão fructuosa sociedade, preclara pelos seus insignes meritos para com o catholicismo, colha fructos mais abundantes no Senhor e ao mesmo tempo olhando ao bem espiritual dos ditos irmãos intendemos annuir aos seus desejos. Pelo que confiados na misericordia de Deus Todo-poderoso e na Auctoridade dos seus BB. Apostolos Pedro e Paulo queremos, ordenamos e mandamos com Nossa Auctoridade Apostolica em virtude das presentes letras que todos e cada um dos christãos de ambos os sexos, havendo em qualquer parte do mundo sido já ou forem legitimamente admittidos á Terceira Ordem de S. Francisco de Assis, sejam feitos participantes, em vida e depois de mortos, das indulgencias e pias obras de que gosam a primeira e segunda Ordem Franciscana, observadas as condições que é necessario observar e cumpridas pontualmente as obras de piedade que respectivamente foram assignadas para ganhal-as. Não obstando a regra por Nós observada e pela Chancellaria Apostolica de não conceder indulgencias *ad instar* e outras Constituições e Ordenações Apostolicas ou outra qualquer cousa em contrario. As presentes serão validas por cinco annos. Queremos pois que ás copias das presentes Letras ou aos exemplares impressos, assignados por algum notario publico e munidos do sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê a mesma fé, que se daria ás presentes se fossem exhibidas ou mostradas.

Dado em Roma junto de S. Pedro sob o annel do Pescador aos VII de julho de MDCCCXCVI e decimo nono anno do Nosso Pontificado

PELO SENHOR CARDEAL «DE-RUGGERO»

Nicolau Marini,
Substituto.

Santa protectora para o mez de setembro

Santa Rosa de Viterbo, virgem da Ordem Terceira.

Absolvição geral

Dia 17 — Festa da Impressão das Chagas de S. Francisco d'Assis.

Indulgencias a lucrar

Plenarias: No dia 4 — S. Rosa de Viterbo.
17 — As Chagas de N. P. S. Francisco.
24 — S. Pacifico de S. Severino da I O.
Parciaes — No dia 16. — *Temporas* — Dez annos e dez quarentenas.
17 — As Chagas de S. Francisco, sete annos e sete quarentenas.
18 e 19 — *Temporas* — Dez annos e dez quarentenas.

Virtude a imitar

Amor da pobreza.

Maxima espiritual de S. Francisco

Cuidais que haveis de possuir por largo tempo as vaidades d'este mundo, estais enganados porque cedo virá o dia e a hora em que nunca pensastes e tudo vos será arrebatado.

* * *

PENSAMENTOS

Mr. Clausel de Coussergues, recentemente fallecido em França, homem de grande espirito e talento, que desempenhou altos cargos da Republica, sendo, por varias vezes, eleito Maire, deputado, etc., entre outras cousas dignas de ponderação que deixou ditas durante a sua vida, teve a seguinte expressão, poucos dias antes da sua morte:

«Tenho pensado muito durante a minha vida, disse elle, tenho meditado muito. Pois bem: *nunca pude comprehender a incredulidade! Não posso perceber como um homem intelligente, não tenha fé!*»

*

A vida é uma escada e o desanimo é um dos seus degraus quebrados.

*

E' preciso que cada um vigie as suas qualidades para impedir que ellas se transformem em defeitos.

*

Nada perdoemos ao espirito; mas perdoemos ao coração, porque o coração é cego.

*

O logar que os homens occupam na existencia, mede-se pelo vacuo que deixam.

*

A vida, como a agua do mar, não se purifica, senão elevando-se para o céo.

*

O berço é a benção do céo sobre o casamento.

VIDA DE S. LUCIO

Primeiro Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia

CAPITULO VIII

Excursões de Lucio pela Maremma toscana

A POVOAÇÃO de Poggibonsi e todo o valle d'Elsa, comquanto fosse muito extenso, era estreito campo para o zelo incansavel de Lucio, e para o desafogo da sua caridade vivissima. As obras de piedade e misericordia, que n'estes logares praticava de continuo, pareciam-lhe insufficientes para contrabalançar, como elle dizia, o amor infinito de Jesus.

Por isso, cogitava de continuo novos planos de praticar o bem; não recusava o seu auxilio a quantos via soffrer, julgando-se obrigado a soccorrer a todos, e com maravilhosa industria ia levar o conforto da alma e do corpo ás regiões circumvisinhas, como Senna e Volterra, e á pestilencial Maremma. E' este um novo theatro das heroicas façanhas da caridade de Lucio.

Esta vasta região, que em tempos mais remotos, sob o dominio dos etruscos, fôra das provincias mais amenas, ferteis e ricas da Italia, no volver dos annos, pelas invasões dos romanos e dos barbaros do norte, pelos estragos do tempo e desolação da peste, tornara-se inculta e selvagem, e prejudicial á saude pelos miasmas exhalados dos pantanos que corrompiam o ar.

Attrahidos pela ganancia, e afim de provêr ao sustento da propria familia, accudia áquellas paragens insalubres grande copia de pastores, de colonos e operarios, que eram para logo assaltados das febres e outras doenças d'aquelle clima fatal. A maior parte, privados de medicamentos e de todo o conforto necessario, pereciam miseravelmente.

Era para estes infelizes que Lucio volvia com frequencia os olhos da sua caridade. Meditava comsigo mesmo os soffrimentos e os perigos a que estavam expostos aquelles infelizes, ficando a sua alma profundamente magoada pelo espectaculo de tanta miseria: a fome e a doença.

Um dia, sentiu mais do que nunca crescer-lhe na alma o fogo da caridade, e impulsionado por uma generosa resolução, disse comsigo: — Porque não vou eu em soccorro de tanta desgraça? Porque me não proverei eu de remedios e de mantimentos para aquelles infelizes que se acham privados de tudo?

O mesmo foi pensal-o que executal-o. Carrega o seu jumento de medicamentos e de substancias alimenticias de primeira necessidade, e põe-se a caminho, a despeito da longa e penosa viagem, dos perigos que n'ella podia correr, das inclemencias do tempo e do risco a que se ia expôr de ser elle mesmo mais uma victima da insalubridade do clima.

Nada o amedronta. Percorre palmo a palmo aquellas terras esqualidas e selvagens, e, de cabana em cabana, vae distribuindo com indizivel affecto e caridade evangelica os soccorros de que ia fornecido.

E' facil comprehender a surpreza e a alegria grande que foi para aquella turba miseravel o apparecimento de Lucio. Todos o tomaram como o anjo do Senhor, mandado ao meio d'elles pela Providencia.

Elle mesmo não foi insensivel á consolação que experimentava dentro de sua alma, pela benefica peregrinação que realisára. Vistos os copiosos fructos que ia recolhendo, agradeceu com vivo reconhecimento á Providencia e tomou a resolução de tornar áquellas paragens a repetir a mesma obra de caridade, emquanto lhe bastassem forças.

Ao que parece, S. Lucio manteve a sua promessa, voltando todos os annos com o seu jumentinho carregado de remedios e de subsidios áquellas terras de desolação e de morte. Tão alto rasgo de caridade fraterna não podia deixar de ser altamente apreciado por aquelles infelizes, entre os quaes Lucio foi tido como homem não só de rara virtude, senão de extraordinaria santidade. Era assim que elles o amavam como pae e se descobriam ao saudar com respeito o seu nome venerando.

E' occasião, agora que descrevemos as peregrinações de Lucio pela Maremma, de narrar alguns factos prodigiosos da sua vida que succederam por este tempo, e que põem em alto relevo os dotes de rara virtude que o adornavam e que o faziam querido a Deus e aos homens.

Um dia, Lucio tinha carregado ás costas um pobre enfermo, e conduzia pela mão a outros dois, que ajudava a andar, dirigindo-se com muito custo para o hospital. Ao vêl-o vergar debaixo do peso, um mancebo dissoluto e mal educado disse-lhe:

— Que demonio de carga tu levas ahi, ó Lucio?

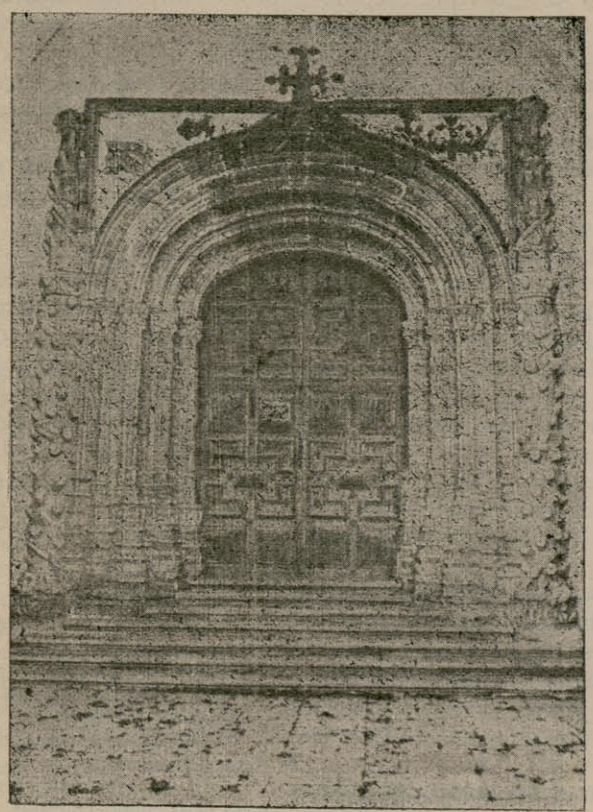
O santo, afflicto pelas palavras zombeteiras que acabava de ouvir, respondeu-lhe chorando:

— Que desgraçado tu és! Não é o demonio que eu levo n'esta carga, mas na pessoa d'este pobre, levo a Christo, Senhor nosso, que disse:— O que fizerdes aos pobres é a mim que o fazeis.

Mas, no mesmo instante em que o fiel servo de Deus pronunciava estas palavras, o mancebo temerario perdeu o uso da falla. Conheceu bem depressa o erro que havia commettido, que não podia deixar de ser grave, visto o castigo que tinha merecido de Deus.

Confuso e sinceramente arrependido, começou a derramar copioso pranto, e com profundos suspiros e movendo os labios como quem deseja fallar, implorava com sons estrepitosos misericordia e perdão para a sua culpa. Estes sentimentos humildes e claros signaes de arrependimento, commoveram a bondosa alma de Lucio, que levantando os olhos ao céo, cheio de fé e de amor vivissimo exclamou:

— Ó meu Senhor Jesus Christo, a quem eu firmemente creio levar sobre meus hombros na pessoa d'este pobre enfermo; vós que sobre a cruz orastes pelos que vos crucificavam, humildemente vos supplico que tenhaes piedade d'este miseravel que, não reflectindo na gravidade da injuria, fallou irreverentemente do vosso humilde servo. Pela vossa graça, fazei que elle recupere o uso da falla perdida e para o futuro bemdiga e exalte a vossa bondade e misericordia.



Portico da egreja de Villar de Frades. (Vid. pag. 326)

Terminada esta oração, o mancebo arrependido lançou-se aos pés de Lucio, e com as mãos erguidas ao céo, em signal de reconhecimento, diz, por entre lagrimas e soluços:

— Agradece commigo a Deus, ó Lucio, porque, por teus meritos, me foi restituido o uso da lingua, de que tinha sido privado, por justo castigo do meu peccado.

— Vae em paz, respondeu-lhe Lucio; mas, d'ora em diante, guarda-te de não offenderes mais ao Senhor, nem com palavras nem com obras, para não soffreres castigo ainda maior. Recorda-te que se Elle é piedoso em perdoar, é tambem justo e terrivel em castigar.

Em outra occasião, encontrando-se com seis homens libertinos que, avistando-o ao longe, e vendo-o tão pobre, humilde e mal vestido, seguido do seu jumento, e recitando em voz baixa devotas orações, disseram entre si: havemos de experimentar se este beato é bom e santo, como diz o povo; havemos de enchel-o de injurias e improperios, despil-o dos pés á cabeça, carregal-o de pancadas e por ultimo tirar-lhe ainda o seu jumento.

Se elle soffrer tudo isto sem se queixar tel-o-hemos nós tambem por um homem verdadeiramente santo. Porém Lucio, inspirado divinamente, leu no fundo dos seus corações a damnada resolução que haviam tomado; e, ao chegar junto d'elles, disse-lhes com rosto alegre e affavel: bons dias, meus amigos; sei que resolvestes injuriar-me e maltratar-me, e, para mais, levardes-me o meu jumento.

Mas, em verdade vos digo, que Deus é o meu protector e não consentirá que me seja feito algum mal.

Attonitos e confusos por tão inesperadas palavras, olharam-se uns para os outros cheios de espanto; e sem mais demora se prostraram aos seus pés, confessando a sua culpa e pedindo para ella humildemente perdão.

Tendo-o obtido sem difficuldade, recommendaram-se ás suas orações, e proseguiram o seu caminho; mas d'ahi para o futuro o tiveram sempre em grande estima e opinião de santidade, annunciando por toda a parte o extraordinario facto que lhes

havia succedido, e proclamando as excelsas virtudes de S. Lucio.

Ao terminar a primeira parte da nossa humilde e singela narração dos illustres feitos do primeiro filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, seja-nos licito recordar, epilogando, aos nossos amaveis e sempre bondosos leitores a maravilhosa mudança que a graça do Senhor, fielmente correspondida, operou na alma de Lucio e da sua nobre e santa companheira; a heroica resolução com que se despojaram de toda a sua riqueza e de todo o affecto ás cousas terrenas; os rapidos progressos que fizeram no caminho da perfeição christã, e os copiosos fructos que recolheram de paz, de invejavel liberdade e de santa alegria.

A pobreza, disse S. Francisco, é um thesouro excellente e divino, é uma virtude superiormente infundida pelo ceu, que ensina a pisar com satisfação tudo quanto é vaidade e ao mesmo tempo remove todos os obstaculos que impedem a nossa mente de se elevar á união com Deus. Prégava aos seus religiosos que não deviam, nem podiam appropriar-se de qualquer cousa, nem de casas nem de logares, etc. Que andassem n'este mundo como peregrinos e extrangeiros, servindo ao Senhor em pobresa e humildade, e que se não envergonhassem de ir pedir esmola de porta em porta, porque Deus por amor de nós se fez pobre sobre esta terra.

Este é o apice da altissima pobresa, que nos faz a nós todos, ó irmãos, herdeiros do reino dos ceus: despiu-nos de todas as cousas para nos sublimar na virtude.

Foi a este ideal, tão sublimemente descripto por S. Francisco, e recommendado com instancia a seus seguidores de todas as outras ordens, que S. Lucio aspirou sempre depois da sua admiravel conversão. Amou e preferiu a pobreza; e como o seu Mestre tanto se apaixonou por ella que nada mais quiz possuir sobre a terra.

Não é, pois, grande maravilha que todos quantos não tivessem morta a fé, presenceando um despreso tão novo, tão fervoroso e tão profundo pelas vaidades do mundo, acompanhado d'um zelo e caridade celestial, venerassem como Santo e pae amoroso a um homem tão extraordinario.

O seu desapego, porém, á terra foi largamente recompensado ainda n'este mundo. Bastas vezes o seu coração transbordou d'aquellas celestiaes alegrias, e foi enchido d'aquellas consolações intimas que nao é dado gosar aos que se recupletam com os prazeres sensuaes.

Apontaremos apenas duas que são o iman do nosso pobre coração: a liberdade e a alegria.

Não ha coração que não aspire pela liberdade e que não corra após o prazer e alegria. Mas, quantas vezes, depois de muita fadiga, o unico alvo attingido não passa de uma pura illusão, que os proprios illudidos se comprazem de embellezar de mil modos para mais se illudirem ainda na doce phantasmagoria que os enleva, chegando por fim a convencer-se que possuem uma realidade.

Mas, infelizes! não passam de miseraveis escravos de ruins paixões que os atormentam, e são o seu mais terrivel pesadello. No meio dos prazeres, das danças, dos banquetes, dos divertimentos de toda a sorte, trazem o animo triste, coberto de tetricos pensamentos, mordido pelo remorso, e até pelo medo.

Quem estiver ao lado d'elles sente o arfar d'aquelles corações irrequietos, e percebe a revolução que vae dentro d'aquelles peitos offegantes.

A historia contemporanea abunda em exemplos de esmagadora eloquencia sobre este assumpto. Ó filhos do seculo, quanto sois dignos de compaixão por vos ufanardes d'uma liberdade que não tendes e que nem póde encontrar-se no mundo. Clamae, quanto quizerdes, liberdade, liberdade! tereis apenas a liberdade do mal, isto é, a licença de vos entregardes a qualquer vicio; mas não podereis jámais dizer que possuis a verdadeira liberdade, que é dom exclusivo de Deus e herança querida dos seus filhos.

Para exemplo ahi está Lucio. Depois que abandonou os cuidados do mundo, depois que a vida sensual se extinguiu n'elle, o seu espirito abriu-se por completo á luz da verdade, e o seu coração gosou da verdadeira liberdade que convertia em doçura infinita os mais penosos exercicios de virtude a que se entregava. A liberdade é uma arvore cujo fructo é intangivel para os que se não libertam dos grilhões das paixões.

(*Continua*).

* * *

ANECDOTAS

Em um convento de Portugal entrou um dia um empregado do governo com os louvados, para avaliar os bens da casa religiosa, roubados aos frades.

Ao chegarem deante de uma imagem de Christo, pergunta o empregado aos louvados: — E aquelle, quanto valerá?

Os louvados, que parece ainda conservavam um pouco de respeito pelas cousas religiosas, responderam:

— Judas, vendeu-o por trinta dinheiros; agora, o senhor, diga em quanto quer que o louvemos.

— O empregado *embuchou;* pegou no chapeu e sahiu pela porta fóra. *(Facto historico recente).*

*

Em uma egreja:

O parocho pergunta ao dono de uma casa de pasto:

— Você deu alguma vez em sua casa gato por lebre?

— Não, senhor.

— Mas eu já comi gato em sua casa.

— Então é porque não pediu lebre.

*

Em uma casa de pensão:

— Quem é que está a berrar d'aquella maneira lá em cima que se lhe ouve a voz aqui em baixo?

— E' o snr. Baltimi, o barytono.

— O barytono! Mas eu ouvi dizer que elle teve uma doença em que perdeu a voz.

— Teve sim, senhor, mas recebeu a conta do medico...

— Basta; já sei.

*

— Bonitas horas para vir para casa! diz a esposa.
— Bonitas horas para estares acordada! exclama o marido.
— Ha quatro horas que estou acordada só para esperar por ti.
— E eu ha quatro horas que estou no club só para esperar que adormecesses.

*

Em um açougue:
Um freguez, vendo á porta um cão gozo, pergunta:
— O seu cachorro não come a carne que lhe fica por vender?
— Qual, não senhor; elle contenta-se em lamber as carnes que estão dependuradas.

Leituras amenas

O MENINO DO CÔRO

Era ao cahir da noite no dia da primeira communhão. Julio era feliz, sem leve sombra que lhe annuviasse o horisonte.

Depois de vesperas tinha ido lá abaixo, ao fundo da villa, esparzir um raio de sua alegria na escura mansarda onde se consumia de velhice a querida *avósinha*, que estivera todo o dia resando por elle o velho rosario, e amaldiçoando as pernas alquebradas que já se não atreviam a conduzil-a até á igreja.

Agora voltava lesto, prazenteiro, sorridente, sentindo uma imperiosa mas doce necessidade de communicar fóra as torrentes de prazer que lhe trasbordavam do coração,

A noite cahia, assombrando lentamente as ruas, e o joven seguia apressadamente para a casa paterna. Era um albergue acanhado e estreito, a dois passos da igreja d'architectura simples mas elegante, cujo campanario se perfilava magestoso acima dos edificios circumjacentes. Quando ia a pôr o pé no limiar da porta, estacou de repente; comprimiu-se-lhe o coração, ensombrou-se-lhe o rosto, toda a sua alegria se esvaeceu como um sonho matutino. Retrocedeu, e foi sentar-se nos degraus do portico da igreja, deixou cahir a cabeça entre as mãos e chorou...

Na morada de seus paes estrugiam os clamores d'uma voz cosida em vinho. Expressões de colera, grosserias, blasphemias, vinham quebrar o silencio da noite. Sobre os moveis carcomidos descarregavam-se violentos murros, cujo estrondo se repercutia lá fóra nas arcadas do presbyterio; e o fragor da louça fazendo-se em pedaços no pavimento, similhava a toada plangente d'algum dobre a finados. Os raros transeuntes deixavam escapar dos labios ora uma palavra de desgosto, ora um sorriso d'escarneo.

Julio ouvia tudo: os sorrisos affrontosos dos que passavam, as blasphemias e o clamar furioso do auctor de seus dias. E as lagrimas corriam-lhe cada vez mais copiosas, e seu coração, ainda pouco habituado a transes similhantes, confrangia-se de dôr, exacerbada com a pungente aggravante de ser causada por seu proprio pae.

— Oh! dizia entre soluços, nem hoje, ao menos!...

Pobre Julio! Todo o dia entre perfumes d'incenso, respirando uma atmosphera de felicidade tão pura, embalado entre as melodias sublimes dos canticos da igreja, e agora, após tão ineffaveis commoções, a voz desentoada d'um blasphemo, e o espectaculo da degradação paterna!... O inferno após o céo!... Era duro, na verdade.

Seu pae era um d'estes seres já de todo aviltados, em que se não distingue mais que as inclinações ignobeis do bruto. Operario habil e robusto, poderia viver, com sua mulher e unico filho, em modesta abastança; mas seu trabalho quasi se limitava a afogar os derradeiros instinctos da rasão em bastos copos de licores calabreados.

Depois, no calor da embriaguez, era vêl-o clamar, entre ameaças ferozes, contra os ricos, esses vis usurarios do suor do povo — não do seu, provavelmente, — e contra os operarios cobardes que preferem trabalhar antes que proseguir em reivindicações illusorias, sobretudo contra a religião e contra os padres.

A' noite eram estes os discursos que levava ao lar domestico, saudando, no delirio da embriaguez, a aurora d'uma revolução em que os senhores d'hoje viveriam de *engraixar as botas* ao humilde proletario, e em que seria dado ao povo soberano e livre, o doce espectaculo d'uma longa procissão de sotainas a desfilar até á guilhotina. Por fim cantarolava algum estribilho infame, que terminava, de ordinario, com o quebrar d'um copo.

Sua mulher fazia com elle um contraste singular: tão diligente, poupada, religiosa e affavel, quanto elle era, ao contrario, preguiçoso, prodigo, impio, brutal. N'uma posição tão critica, soube haver-se de modo que nada perdeu da delicadeza do seu espirito.

De rosto magro, e onde se liam, em profundos sulcos, os desgostos que lhe amarguravam a existencia, d'aspecto grave mas habitualmente triste, e olhar calmo, dil-a-hieis a estatua do soffrimento, da tristeza e da resignação.

Mas no intimo do coração possuia um fundo inexgotavel de energia. Nem uma queixa, nem um suspiro lhe escapava dos labios, e se chorava, ninguem lhe viu nunca as lagrimas. Sua dignidade, nunca desmentida, havia inspirado a seu marido um sentimento bem estranho n'um homem tão rebaixado pelo vicio: um profundo respeito. Quando não tinha perturbada a razão, ouvia d'ella severas reprehensões, que, na bocca de qualquer outra pessoa, bastariam para enfurecel-o; e nunca, em seus momentos de colera, ou na exaltação da embriaguez, ousou tocar-lhe em um só cabello.

Trabalhava assiduamente. O pão de que se alimentava, a si e a seu filho, era fructo de seus suores. Por coisa alguma do mundo se atreveria a tocar o dinheiro que seu marido algumas vezes levava para casa. Quando lh'o via luzir entre as mãos, fazia-se vermelha, e perguntava a si mesma

d'onde viria similhante dinheiro, ou que trabalho o teria grangeado?

Era isto sobretudo, estas duvidas crueis que a faziam soffrer.

Foram-lhe mister prodigios de sollicitude para subtrahir o filho á influencia perniciosa dos maus exemplos do pae. Com que prudencia conseguiu inspirar-lhe um profuudo horror aos vicios d'aquelle dissoluto, sem nunca attentar ao respeito e amôr que lhe eram devidos! Em compensação, o filho era sua imagem, e tambem sua maior consolação n'este mundo. Jámais educador algum houve de desempenhar sua missão em circumstancias tão difficeis; mas o que não póde o coração d'uma mãe inspirada e alentada pela fé!

Graças á sua energia e perseverança conseguiu que o filho frequentasse uma escola religiosa; e, apezar d'alguns protestos do pae, que se traduziam, de longe em longe, em injurias dirigidas aos padres, o pequenino Julio ajudava todos os dias á missa; e era para sua mãe um aprazivel espectaculo contemplal-o agitando o thuribulo, e ouvir-lhe os gorgeios da voz argentina repercutindo-se nas abobadas do templo.

E n'aquelle mesmo dia, com que satisfação o andára sempre seguindo com os olhos até o vêr lá, junto do altar, no primeiro logar entre os neocommungantes! Deus relevou-lhe certamente um movimento de legitimo orgulho, quando a voz do seu *Julinho* começou a leitura dos actos preparatorios.

Bem sabia o doce Jesus que, se aquella alma ia recebel-o com uma candura angelical, era obra d'aquella mulher obscura, fructo da sua vigilancia, resultado de esforços heroicos.

N'aquelle momento, lá estaria o pae n'alguma sordida baiuca, afogando em vinho os derradeiros sentimentos de honra e de dignidade pessoal, blasphemando o mesmo Deus que se dava a seu filho, e predizendo o avisinhar da hora em que os patriotas iriam levar a libertinagem do bordel ao recinto do sanctuario, e dançar sobre os escombros do altar para sempre derribado.

Talvez que n'aquelle mesmo dia, ao vêr de manhã o pequeno Julio vestido de festa, sentisse passar em seu coração um vago sentimento de commoção; mas que milagre não seria mister para que um bom pensamento ganhasse raizes n'aquella alma tão excessivamente pervertida? Se tal movimento existiu, suffocaram-n'o bem depressa os primeiros fumos da embriaguez. Depois, os camaradas, tão vis como elle, foram-lhe todo o dia inflammando o cerebro, chasqueando das momices que deixava praticar a sua mulher e filho.

E n'este estado voltou á noite a casa, com a cabeça exaltada, espumando raiva idiota e bestial, com a bocca cheia d'ultrages para tudo que ha mais santo e sagrado sobre a terra.

*
* *

A noite cerrára-se de todo. Immovel sobre os degraus onde estava sentado, Julio pregava olhos humidos na janella, escassamente alumiada com a luz de dentro, e n'ella via passar e tornar a passar a sombra de seu pae, com gesto furioso e ameaçador. Escutava silencioso, e algumas phrases incompletas que lhe chegavam aos ouvidos, redobravam-lhe a angustia e o terror. Que fazer? Entrar alli, n'aquelle inferno, para augmentar a colera exasperada já pela grande acção que praticára n'aquella manhã?! Ter de ouvir toda a noite blasphemiar d'aquelle Deus tão bom, que tão largamente repartira com elle de suas bençãos?!

A' pobre creança figurava-se-lhe tudo isto impossivel. O melindre d'aquella alma tão pura, avivado por uma approximação mais intima de Deus, magoava-se dolorosamente só de pensar em tal, e irrompia n'um protesto de copiosas lagrimas.

Mas, onde passar a noite? Em casa da avó? Mas... é tão longe! As ruas são já desertas! Tudo dorme!... Comtudo, antes ficar alli, ao relento da noite, sob o fulgurante scintillar das estrellas, antes isto, do que transpôr o limiar d'uma casa onde se offende a Deus!

N'um movimento qualquer, sentiu no bolso o peso d'uma chave.

— Oh! exclama, a igreja! Não me tinha recordado ainda!

Mas, de subito, acode-lhe ao pensamento a lembrança de sua mãe, as angustias que terá de soffrer se o não vê entrar em casa. E a alegria subita que scintillára em seu olhar, apaga-se de repente; a ideia de que poderia causar a sua mãe o mais pequenino desgosto opprimia-lhe o coração.

— Mas, disse de si para si, ámanhã contar-lhe-hei tudo, e ella me perdoará.

Este pensamento tranquillisou-o. E, sem mais reflectir, ao imperio da viva repugnancia que sentia para entrar na casa onde blasphemava seu pae, dirige-se á porta travessa. Introduz na fechadura a chave que lhe fôra confiada n'aquella mesma tarde para uma incumbencia qualquer, e que se esquecera de entregar. A porta rodou pesadamente nos gonzos de metal. Entrou. Tudo é sombra. Reina alli o silencio. O bruxolear vago e indeciso da lampada sagrada, perde-se nas espessas trevas que o cercam.

Sobre o pavimento dançam aqui e além as sombras phantasticas das pilastras de marmore; nas paredes do templo e no fundo escuro das capellas brilham a medo, como chammas phosphorescentes, a douradura dos altares, e o ouro e a prata dos castiçaes.

Julio fechou cautelosamente a porta. Aquella noite, aquelle silencio, aquelle mysterio que o rodeia, causam-lhe viva impressão. Mas, se o coração lhe bate mais forte, não é effeito do medo. Que havia de recear? ali estava Deus com elle, n'aquella igreja cujos cantos lhe eram tão familiares.

Caminhando de mansinho para abafar o ruido dos passos que, apesar d'isso, echoavam nas naves desertas e silenciosas, foi ajoelhar-se ante o altar, d'onde, n'aquelle mesmo dia, o Salvador baixára a seu coração, e murmurou com fervor sua oração

da noite. Pediu por sua mãe e seu pae, por seu pae sobretudo, que lá estaria ainda blasphemando de Deus. Fez o signal da cruz, e com uma profunda genuflexão ao tabernaculo, dirigiu-se para o altar da Virgem,

Foi ali, diante de sua imagem, que, n'aquella mesma tarde, pronunciou, em nome dos primeiros commungantes, a formula de sua consagração a Maria.

Dirigiu-lhe tambem uma ultima saudação, uma derradeira prece, e, recostando-se no tapete ali mesmo, junto ao altar, com as mãos juntas, aguardou o somno, repassando em seu coração todas as commoções d'aquelle grande dia.

Sua alma trasbordava d'uma alegria immensa, e o somno que veio cerrar-lhe as palpebras, immobilisou-lhe tambem nos labios um radiante sorriso.

Em breve dormiu profundamente.

De repente acorda sobresaltado. Enganar-se-hia? Seria um sonho? Parecera-lhe que ouvira um ruido, como de passos.

Defronte d'elle, por uma vidraça partida, entravam grandes baforadas d'um vento que gelava. E lá acima, junto do altar-mór, viu uma sombra em pé: distinguiu logo dois braços estendidos para o sacrario. Um ladrão! pensou comsigo.

E, em vez de melhor se esconder, comprehendendo que o malfeitor vae lançar mãos criminasas do vaso sagrado onde repousou a hostia da sua primeira communhão, e profanar o Corpo adoravel do Salvador, obedecendo, sem mais reflectir, ao movimento espontaneo de seu fervor, levanta-se e corre apressado para o altar.

O estrondo que fez a porta do tabernaculo ao quebrar-se abafou o ruido de seus passos, mas, quando o ladrão se voltava, trazendo já em suas mãos o ciborio d'oiro, topou com elle nos degraus do altar, e recuou assustado. O pequeno, dando um grito inexprimivel, atira-se a elle d'um salto, e, com uma força sobre humana, enlaçou os dedos em volta da pixide cuja profanação exaltava sua fé.

O sacrilego, a quem sua perturbação e o escuro da noite impediram de advertir na fraqueza de seu adversario, brandiu o cinzel que lhe servira de forçar a porta do tabernaculo, e descarregou um violento golpe na fronte da creança, abrindo-lhe uma ferida donde logo brotou o sangue a jorros.

Comtudo as mãos do pequenino martyr seguravam com uma força incrivel o sagrado vaso, e, emquanto seu adversario fugia na sombra, aterrado pelo novo crime, elle ficou-se ainda por um instante de pé; mas, passados momentos, desfalleceu e cahiu junto do altar, tendo sempre estreitado contra o peito o thesouro pelo qual dera a vida.

No dia seguinte o primeiro sacerdote que entrou na igreja, deu com elle estendido no chão, immovel e sorridente, e com os dedos liados em volta do ciborio. Cingia-lhe a cabeça, á guisa de auréola de martyr, uma larga mancha de sangue. O tabernaculo arrombado e a vidraça partida, indicavam bem claramente o drama de sangue que se passára na igreja.

A commoção foi immensa em todo o povo. Fallava-se com indignação da scena escandalosa de que fôra theatro a casa do martyr na vespera á noite. Os mais perspicazes explicavam assim a presença do pequeno na igreja, onde fôra procurar um abrigo.

Todo o dia esteve rodeado d'immensa multidão o leito onde repousava em vestido de festa; a ferida havia desapparecido sob um chuveiro de mimosas flores d'um lado estava o pae, abatido, como uma massa inerte, livido, com os olhos a dilatarem-se, ferozes, como os d'um louco. D'outra parte era a mãe, pallida tambem como a morte, muda como a estatua d'afflicção, enxugando de tempos a tempos algumas lagrimas furtivas, que trahiam a magua que lhe ia no coração gelado pela dôr.

De quando em quando levantava-se, e seus labios iam procurar, na fronte do filho, a ferida atroz por onde se lhe coara todo o sangue. E então, apesar das torturas indiziveis que a cruciavam, sentia passar em seu coração de christã um bafo de sobrenatural orgulho. Era mãe d'um martyr!

Não houve nunca exequias nem mais tocantes nem mais bellas. Os meninos da Primeira Communhão revezavam-se para levar o feretro de seu amigo, diante do qual caminhavam, como um côro d'anjos, as meninas, com véos brancos e ramos de flôres nas mãos. Todos os corações estavam de luto. No silencio solemne, que pezava sobre o cortejo, ouvia-se a intervallos a voz do sacerdote cantando o Psalmo d'alegria com que a Igreja acompanha as almas dos Innocentes que vôam ao paraizo: *Laudate pueri Dominum*... As primeiras senhoras da povoação agrupavam-se em volta da mãe desolada para consolal-a; o pae seguia o cortejo. Caminhava d'olhos baixos, abatido, quasi cambaleando. Quando por fim a terra lhe escondeu o athaude, sahiu-lhe da garganta um grito rouco, e cahiu desfallecido.

— Quem julgara, dizia um assistente ao sahir do cemiterio, quem havia de crêr que este homem insensivel amava assim a seu filho? Mas ninguem descobriu o ladrão e o assassino. Os ladrões d'igreja ficam sempre nas sombras... O que todos notaram comtudo foi a mudança radical que se operou no pae do pequeno Julio.

Ao cabo d'alguns dias passados na dôr, esperavam todos vêl-o recahir, ao imperio dos velhos habitos; mas este golpe vibrado á unica fibra do seu coração que ainda se não insensibilisara, conseguiu transformar-lhe a natureza, porque, a partir d'então, não houve mais vêl-o com os antigos companheiros de suas orgias. Em vez de frequentar a taberna, occupava-se no trabalho. Mas o semblante conservou-o sempre carregado e triste, e nunca perdeu de todo os modos sacudidos e esquivos.

Na presença de sua mulher baixava a cabeça, timido, quasi envergonhado.

E elle, o impio notorio, o blasphemo, o inimigo fidagal da religião e dos padres, começou a ir

á missa todos os domingos. Ia á missa, mas ficava lá ao fundo, quasi só, junto á porta; e por coisa nenhuma d'este mundo se atreveria a levantar olhos até o altar onde os meninos de côro baloiçavam os thuribulos de prata.

A tarde sahia algumas vezes, mas só quando a noite já era bastante escura. E quem houvesse devassado o segredo d'aquellas excursões nocturnas, conheceria tambem o segredo d'aquella dôr que incessantemente o dominava.

Evitando caminhos trilhados, lá ia, ao longo dos vallados, ou atravez dos campos, até ao cemiterio; prostrava-se ante a campa, sempre coberta de flores, do pequenino martyr, feria o peito, chorava, e, com os labios cosidos com a terra, murmurava baixinho, porque lhe parecia que sua voz tinha um accento desusado:

«Julio! ainda me não perdoaste? Responde, meu filho, minhas torturas presentes são o preludio de tormentos eternos? Estarei para sempre condemnado por ter levantado, contra o altar, mãos sacrilegas, por ter derramado o sangue d'um martyr, o sangue de meu filho?!»

E ás vezes parecia-lhe que do tumulo sahia uma voz doce como a voz d'um anjo:

— Pae: ha só um crime que Deus nunca perdôa: é o da desesperação!

(Do *Pelerin*).

CULTO DE S. ANTONIO

CONTINUAM por toda a parte os favores e graças do Grande Thaumaturgo portuguez; mas tambem — honra ao povo catholico, — augmentam de dia para dia os cultos com que é festejado em toda a parte.

Não queremos faltar aos leitores com a costumada *revista*, (chamemos-lhe assim) do movimento antonino.

Começaremos relatando um facto que nos conta a *Voix de Saint Antoine*.

Um devoto singular de Santo Antonio. — Passeava eu, por uma bella tarde de primavera, no celebre e pittoresco passeio dos *Colli*. Eram muito numerosas as pessoas que iam e vinham, anciosas certamente de approveitar os ultimos raios do sol, e de respirar um ar puro e refrigerante.

De repente, vejo encaminhar-se a mim um homem de maneiras distinctas, que, depois de me saudar cortezmente, entabolou assim a conversa.

«Permitte-me o senhor que lhe falle por algum tempo d'um assumpto que muito me interessa?

— Com o maior prazer, repliquei eu; tem-me á sua disposição.

— Mil vezes obrigado, acudiu elle. Tenho ouvido dizer que propagaes fervorosamente a devoção a S. Antonio de Lisboa, e, como sou enthusiasta por este grande Santo, desejava inteirar-me um pouco mais ácerca d'esses novos cultos de que o senhor se fez apostolo para fazer depois o que me conviesse... Em que consiste a devoção que propagaes?

Em resposta, entreguei-lhe um folheto da Pia União. Recebeu-o e leu com avidez, meneando a cabeça, com gesto ora affirmativo, ora negativo. Concluida a leitura, disse:

— Não me agrada; é muito para mim.

— Rogo-lhe o favor de se explicar, meu caro senhor.

— Pois bem, ides ver. Tudo está muito bem; mas, quanto á confissão e communhão, no dia da festa do Santo, indulgencias, e outras coisas, a meu ver, não valem nada. Eu creio em Deus, não faço mal a ninguem, dou algumas esmolas, e sou devoto do Santo, que me faz rehaver os objectos perdidos, que me cura nas minhas doenças, etc., mas confessar-me! isso nunca; é muito, e não vale nada...

— Como vejo, em materia de religião sois um pouco .. *liberal?*

— Justamente, e tenho a consciencia tranquilla.

— Então não acreditaes na confissão?

— Nem na confissão, nem nas indulgencias, nem na infallibilidade do Papa, nem n'outras coisas inventadas, perdoae, pelos padres e frades.

— E então tendes devoção com S. Antonio, acreditaes n'este Santo? perguntei eu.

— Se creio! mais: estou disposto até a fazer tudo por elle!

— Bem, tomo nota d'esta declaração. Pois, se a infallibilidade pontificia, em uma palavra, se todos os dogmas catholicos são falsos, digo-vos que S. Antonio foi *um mísero embahidor da humanidade.*

— Alto lá!... S. Antonio foi um verdadeiro apostolo e bemfeitor de seu seculo; defendia os opprimidos, perseguia os oppressores e condemnava os avarentos. Emfim, era um verdadeiro patriota; e seria muito para desejar que todos os frades e padres fossem como elle.

— Vamos, vamos, senhor, não vos altereis, e voltemos ao assumpto. Digo que, se o dogma catholico é falso, é tambem erroneo o culto de S. Antonio. Porque S. Antonio confessou-se e confessou. Prégou o purgatorio e creu no Papa, e notae bem que, n'aquelle tempo, ainda não estava declarada a infallibilidade pontificia.

— E' realmente curioso! Então no seculo XIII a infallibilidade do Papa não era ainda um dogma, e agora já o é?!...

— Para não perder tempo, farei só uma pergunta: O senhor estudou theologia?

— Não, senhor; sou doutor em medicina; mas comprehendi... basta...

— Voltando ao nosso ponto, dir-vos-hei que S. Antonio era *catholico, apostolico e romano*, e que, por consequencia, praticava *tudo* que nós hoje praticamos.

— «*Quod est probandum*,» meu amigo. Aqui poderei fallar eu, que se trata d'uma questão de historia. Tenho lido Missaglia... que, por sua famosa critica é, a meu vêr, a melhor vida do Santo.

— Bem, admittirei por um momento que seja a melhor. Então deve o senhor ter conhecimento do milagre da adoração da Eucharistia por um irracional?

— Sim, sim; conheço perfeitamente o facto.

— Bem; mas, dizei-me, que prova este episodio, senão que S. Antonio cria firmemente na presença real de N. Senhor na Eucharistia?... Do mesmo modo me encarrego de vos provar, com diversos factos de sua vida, que o Grande Thaumaturgo cria na auctoridade infallivel do Papa, nas indulgencias, e em todos os dogmas que ensina actualmente, e que, aliás, sempre ensinou, a Egreja.

O meu interlocutor guardava silencio.

— Então, tornei eu, que responde?

— Nada... Mas, olhae, como eu creio em S. Antonio, façamos cada um de nossa parte um triduo em sua honra. Eu lhe pedirei que vos esclareça e reciprocamente. Ao fim dos tres dias, quero persuadir-me de que sereis um catholico *liberal!*

— Perfeitamente, faremos assim; mas, se elle vos inspirar que vos façaes um bom catholico romano, e que vos confesseis, fal-o-heis assim, não é verdade?

— Sim, dou minha palavra d'honra.

A estas palavras despedimo-nos, porque era tempo de eu voltar ao convento. Tinha andado apenas durante alguns instantes, quando senti caminhar apressadamente atraz de mim. Voltei-me, e dei de cara com o meu doutor em medicina.

— Meu Padre! O Santo acaba de esclarecer-me com uma luz repentina... Confessae-me, quero-me converter!

Fiquei estupefacto.

— Bem, muito bem; disse eu maravilhado com o prodigio de S. Antonio; mas para fazer uma boa confissão é mister pensar mais.

No entretanto, hoje mesmo trataremos do negocio; depois farei de vós um fervoroso membro da Pia União!

Dito e feito. Confessou-se com a maior sinceridade, e agradeceu ao Santo que tão maravilhosamente o esclarecera com a luz da fé. Oxalá que seu exemplo possa attrahir muitas almas a Deus e á Egreja, e reanimar a confiança de todos no Thaumaturgo franciscano.

Este facto, conclue a *Voix*, foi-nos enviado pelo R. Padre N., e por elle attestado *com juramento*.

* * *

PORTUGAL

Aos nossos leitores. — Muito agradeceriamos aos nossos bondosos leitores, o favor de nos communicarem qualquer coisa que possa interessar ao culto de Santo Antonio: a noticia d'uma festa, ou d'uma graça alcançada, o movimento do *Pão dos pobres* ou da *Pia União*, tudo isto será acolhido com o maior reconhecimento, e publicado nas columnas da *Voz*, do modo que a direcção julgar mais conveniente.

S. Antonio no Sanctuario de Porto d'Ave. — Devido ao muito zelo do rev. padre Joaquim Baptista de Macedo Athayde, capellão da Senhora do Porto, celebrou-se n'este Sanctuario a festa de Santo Antonio, no ultimo domingo de julho.

Ao meio dia começou a missa a grande instrumental, com exposição do SS. Sacramento; era celebrante o rev. padre capellão, assistido por uns dez sacerdotes, que vieram ajudar a confessar, e tornar mais brilhante a festa do grande Santo portuguez.

Ao Evangelho subiu ao pulpito um religioso franciscano do convento de S. Boaventura, e começou o panegyrico de Santo Antonio, por aquellas palavras de S. João: *Iste erat lucerna ardens et lucens;* a festa terminou ás duas horas.

Pelas quatro da tarde estava o povo todo reunido em volta do altar de Santo Antonio esperando a instituição do *Pão dos pobres*, os sacerdotes presididos pelo rev. padre capellão vestido de capa *d'asperges* assistiam deante do throno de SS. Sacramento; e então subiu ao pulpito o mesmo religioso, explicando o que queriam dizer dois cofres que ladeavam o altar de Santo Antonio; era o cofre das petições, que elles baptisaram com o nome de *correio de Santo Antonio*, e cofre onde deveriam ser lançadas as esmolas, paga dos beneficios recebidos, e mata-fome dos desafortunados. — O povo recebeu com alegria esta instituição, e era devéras commovedor vêr a fé com que se dirigiam para a linda imagem do Santo que era nomeado o provedor dos pobresinhos d'aquelles sitios, terminou tudo com a procissão e benção do SS. Deus seja bemdito! Bemdito nos seus Santos! Viva Santo Antonio de Lisboa!

P. E. — A' ultima hora soubemos que a caixa do *Pão dos pobres* de Nossa Senhora do Porto d'Ave já tem algum *Pão*, e esperam fazer a primeira distribuição no dia 13 de setembro; vamos a ver.

*

Com a devida venia transcrevemos o que segue do nosso presado collega *A Ordem:*

«Conta a *Soberania do Povo*, de Agueda, que n'um d'estes dias uma filha do snr. Manoel Antonio Massadas, vindo da Borralha, onde tinha recebido 50$000 reis em notas para dar a um negociante d'aquella villa, ao chegar a casa, pousou aquella quantia sobre uma meza e tratou d'alguns arranjos domesticos. Quando quiz entregar as notas, já ellas tinham desapparecido.

«Calcule-se a barafunda que este facto causou. «Que tinham sido roubadas, que uma netinha dos donos da casa as tinha trazido para a rua»; e por ahi andaram horas e horas algumas pessoas da familia a olhar para o chão em busca do embrulho das notas.

«Foram devidamente responsadas, e quando menos se esperava, appareciam ellas dentro d'um balde que estava cheio de lavagem para os porcos, todas molhadas, já quasi inutilisadas. Muita alegria e muitos louvores a Deus por o responso ser feito a tempo e horas.»

ORAÇÃO A S. ANTONIO

Composta por S. Em.ª o Cardeal Parocchi

« Glorioso Thaumaturgo, Pae dos pobres, Vós que prodigiosamente descobristes o coração d'um avarento sepultado no ouro, premio do singular dom com que tivestes sempre o vosso coração entre os infelizes; Vós que, offerecendo ao Senhor nossas supplicas, nos alcançaes feliz despacho, acceitae, em signal do nosso reconhecimento, o obolo que depomos a vossos pés para soccorro da desventura. Fazei que redunde em vantagem dos que soffrem e nossa tambem; a uns e outros assisti com a costumada benevolencia nas necessidades temporaes, mas acudi ainda com maior presteza a nossas necessidades espirituaes, agora e na hora de nossa morte. Assim seja. »

Esta oração do Eminente Purpurado, tão repassada d'uncção e ao mesmo tempo d'uma simplicidade encantadora, foi ultimamente enriquecida por um decreto da Sagrada Congregação, com *100 dias* d'indulgencia, uma vez ao dia, e applicaveis pelas almas do Purgatorio.

* * *

HESPANHA

N'esta nação, tão enthusiasta por Santo Antonio, conta já a *Pia União* 29 centros diocesanos e 22 parochiaes.

— *El Eco Franciscano* refere o que segue ácerca d'uma festa original que se celebra annualmente em *Castropodame* em honra de Santo Antonio:

«N'esta villa celebra-se, desde tempo immemorial, a festa do Santo, a 13 de junho, por voto do povo, com toda a solemnidade, como festa de preceito. Além d'isto houve n'esta villa um morador que deixou em seu testamento uns legados com o fim de melhor se solemnisar a festa do Santo. Concedia a cada morador uma *libra* de pão (pouco mais ou menos tres quartas do nosso arratel) e um quartilho de vinho, com obrigação de todos rezarem, n'um campo determinado, 100 vezes o *Padre Nosso*. Em cumprimento d'isto, depois da festa religiosa, reune-se todo o povo ao som do sino, e lá vão para o campo do costume, onde, á sombra d'uns castanheiros, rezam os 100 *Padre Nossos*, e logo se procede por lista á distribuição do pão, e o que sobra reparte-se entre os velhos e meninos, porque n'este dia não falta ninguem, e o que não póde ir por seu pé, é levado nos braços da mãe.

«Terminada a distribuição, vendem-se, em *hasta publica*, as offertas que os devotos do Santo vão trazendo para o dito campo,

as quaes consistem em cordeiros, lã, gallinhas, e objectos similhantes. Concluida a funcção, encaminham-se á egreja onde, para encerrar a festa, se reza o Santo Rosario.»

— No dia 22 de julho passado subiu uma procissão de cerca de 9:000 peregrinos ao Sanctuario de Santo Antonio em *Urquiola,* nas provincias vascongadas.

E' indescriptivel o enthusiasmo e fé que animava aquella grande massa de povo. Cada grupo de peregrinos era capitaneado pelo seu parocho. Desde as 4 horas da manhã até ás 9 celebraram-se 43 missas. A's 7 chegou o bispo diocesano que tambem celebrou missa. A's 10 celebraram-se duas missas solemnes, uma dentro e outra fóra do Sanctuario, orando tambem dois eloquentes oradores. A's 4 da tarde rezou-se o rosario, o digno prelado da diocese fez uma pratica, e deu a benção pastoral.

Este zeloso prelado projecta augmentar aquelle Sanctuario, que é bastante acanhado para receber as multidões enormes que alli affluem.

— A *Junta* que em Salamanca preside á distribuição do *Pão dos pobres,* tomou o excellente alvitre de, juntamente com as esmolas de pão, distribuir folhas de propaganda catholica em que se ministre a instrucção ás classes necessitadas.

— S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo de Badajoz, ordenou algumas disposições, que foram publicadas no boletim ecclesiastico da diocese, determinando o modo que se deve observar na instituição do *Pão dos pobres* nas egrejas do Bispado.

Digno de ser imitado, o procedimento do illustre Antistite.

* * *

FRANÇA

Ás grutas de S. Antonio, em *Brive,* chegaram no mez de junho mais de 10 grupos de peregrinos, de differentes logares da França e do extrangeiro.

— N'um largo que está em frente d'aquelle sanctuario ergue-se uma estatua do Grande Thaumaturgo. Uma ave, desconhecida no paiz, foi fazer o ninho nos braços do Santo, e entre os joelhos do Menino Jesus, no anno passado. Como se não deu mal, voltou este anno, e os pequeninos lá se vão creando, diz uma revista franceza.

— Em Bordeus celebraram-se festas d'extraordinaria pompa e brilho na capella de Nossa Senhora da Piedade d'Alhambra, dos Padres Agostinhos d'Assumpção.

Fez-se ouvir a voz eloquente do infatigavel apostolo do sul da França, o rev. P. Marie-Antoine, capuchinho, que, no dizer d'um jornal francez, electrisou uma multidão de 4:000 pessoas.

* * *

MONTENEGRO

Favor singular de S. Antonio. — Em *Cettigne* (capital do principado de Montenegro) ha cerca de 400 catholicos, disseminados entre os gregos schismaticos. Até agora nunca poderam alcançar do governo permissão para edificarem egreja, estando assim privados até da assistencia do Missionario catholico. Ultimamente o Bispo de Antivari, Franciscano, recorreu a S. Antonio, promettendo consagrar-lhe o novo templo, se podesse conseguir a licença necessaria. No domingo de Paschoa o principe Nicolau, soberano de Montenegro concedeu solemnemente a graça pedida.

Santo Antonio fez ainda mais; por sua intercessão alcançou tambem o zeloso Arcebispo permissão para fundar um seminario para formação do clero diocesano.

Luctando com uma insuperavel falta de recursos, o Emminente Prelado fez um appello á caridade catholica, e sobretudo á generosidade dos amigos de S. Antonio.

S. Santidade Leão XIII, em uma audiencia concedida ao Arcebispo de Antivari, concedeu uma benção especial a quem auxiliasse a obra. O Rev.mo P.e Geral dos Franciscanos associou-se tambem ao zelo do illustre Primaz de Montenegro, recommendando aos amigos de S. Antonio, esta urgente necessidade.

* * *

TURQUIA

Le Pain des Pauvres refere o seguinte favôr de S. Antonio:

Em Constantinopla um Padre Assumpcionista, cura da parochia de Koum-Kapou, n'um bairro turco, lembrou-se de fazer sahir a procissão do SS. na sua parochia, como já se fazia n'outras situadas em bairros europeus. Mas todos se arreceavam. Uma procissão na cidade santa dos mussulmanos!... Era muito.

Pensaram primeiro em sahir só por uma porta do jardim e entrar por outra; mas, ainda assim, era mister advertir a policia, e... pouco havia a esperar. O zeloso padre offereceu *um escudo* a S. Antonio se elle resolvesse a questão. Um parochiano, chamado a conselho, achou mil difficuldades, e concluiu que era melhor esperar.

Accode-lhe então uma ideia luminosa: «Está resolvido tudo! Basta que me deixem colher algumas flôres no jardim.» Dito e feito. Arranjou um lindo ramo e foi, com um dos padres, visitar o commissario central de policia. Este, quando viu o sacerdote começou d'escusar-se de não ter ido visitar os Padres; depois fizeram-se de parte a parte os *salamaleques* do estylo. Em seguida o companheiro do Padre offereceu o lindo ramo, dizendo: «Tenho a honra de offerecer-vos estas flôres da parte dos Padres; estes celebram amanhã sua festa das rosas, [1] e sahirão em procissão. Contam comvosco para facilitardes o negocio. Como o Papa de Roma agora decretou que a nossa capella seja *igreja*, convem que façamos a procissão.» O commissario prometteu logo seu concurso, e offereceu-se para mandar fazer a guarda d'honra pelos seus subalternos! Era mais do que se esperava! Como S. Antonio sabe fazer as coisas!

De feito a procissão sahiu, percorrendo as ruas mandadas varrer antes pela policia. Os gregos tiveram de mandar tirar as pedras que tinham em montes diante da sua igreja em construcção. A fanfarra dos Padres Georgianos veio abrilhantar a festa.

Armaram-se dois altares ao ar livre; e, quando acabaram de servir, a multidão precipitou-se n'uma onda, e tirou-lhe todas as

1 Chamava assim a Festa do Corpo de Deus, porque os Turcos celebram todos os annos uma festa chamada *das Rosas.* Esta denominação era a mais conveniente, que, para elles, se poderia dar á nossa Festa do *Corpus Christi.*

flôres, e, como estas não chegavam para todos, muitos houveram de contentar-se com alguma folha apenas.

No cortejo encorporaram-se tambem gregos e armenios. Não se ouvia uma palavra, e todos tinham a cabeça descoberta. Aos cantos das ruas estavam postados guardas, de pé e de cavallo, para impedir toda a circulação, e manter a ordem.

Foi um espectaculo nunca visto, e, ainda depois, muitos se admiravam do passo que tinham dado.

* * *

CHINA

Mgr. Antonio Fantosati, bispo titular d'Adra, Vigario Apostolico do Hu-nan meridional, em reconhecimento dos favôres singulares que S. Antonio tem prodigalisado, em diversas circumstancias, sobre, seu vicariato, dirigiu a todos os fieis e missionarios, sujeitos a sua jurisdicção, uma carta pastoral, convidando-os a alistar-se na Pia-União.

CORREIO DE SANTO ANTONIO

Petições e promessas. — Graças obtidas. — Rendimento do Pão dos Pobres

As cartas encontradas ultimamente na caixa de S. Antonio eram 277, sendo 242 a pedir diversos favores, e 35 em acção de graças.

Pena é, repetimol-o ainda, que uma grande parte dos agraciados não lance na caixa a carta de agradecimento. Pois nós que vemos sempre o altar do santo rodeado de devotos, a par dos infelizes que gemem sob o peso do infortunio, e pedem soccorro, vemos tambem um grande numero chorar lagrimas d'alegria pelos beneficios recebidos.

I

Petições e promessas

Vocação sacerdotal — Meu glorioso Santo Antonio, tenho immensos desejos de ser ministro de N. S. Jesus Christo, mas, como não tenha para isso os meios necessarios, peço-vos, meu glorioso santo, que intercedaes por mim ao Senhor, para assim facilmente se conseguir tudo que fôr preciso para chegar ao fim que aspiro. Se fôr ouvido n'esta supplica, prometto enviar uma esmola para o pão dos pobres. Vianna do Castello, 16-7-96. — *R. S.*

A pedir saude — Glorioso Santo Antonio, se vós permittirdes que o meu marido sare do soffrimento que tem no estomago, no espaço de dois mezes, prometto-vos dar 100$000 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Santo Antonio, se por vossa intercessão a minha boa mãe experimentar melhoras, dar-vos-hei a esmola de 500 reis, e rezarei d'hoje em diante ás quintas e domingos um Padre Nosso e uma Avè-Maria na egreja dos Terceiros, vindo n'esses dias á cidade, aliás n'outros dias. — *A.*

— Meu glorioso e bemdito Santo Antonio, peço-vos pelo amor de Jesus e Maria Santissima que concedaes ao meu pae a saude e a vida para nossa consolação e amparo, pois bem sabeis, meu querido Santo, quanto elle tem soffrido. O' meu bemdito Santo ouvi os rogos de quem deseja tanto o bem-estar de seu querido pae. Prometto-vos, meu santinho, de vos dar uma toalha de linho bordada, para servir no vosso altar, se nos concederdes a graça que vos peço. Tambem vos darei uma esmolinha, conforme eu puder, para o pão dos pobres.

Vocação religiosa — Meu bom Santo Antonio, bem sabeis que desejo entrar para uma Ordem, afim de ser religiosa, mas como não tenho dote, receio por isso ter obstaculos que me não permittam a realisação d'estes desejos; mas, se vós quizerdes, podeis valer-me; podeis muito deante de Deus; elejo-vos pois por meu intercessor perante Nosso Senhor e a Virgem Santissima. — *V.*

Objecto perdido — Meu glorioso Santo Antonio, ao vosso provado valimento junto de Deus, recorro para que me obtenhaes do dulcissimo Coração de Jesus a graça de apparecer a chave que me falta. Rogo-vos, milagroso santo, que uma tal graça sirva de incremento ao meu favor religioso e seja para bem de minha alma. Em reconhecimento, offereço-vos para o pão dos vossos pobres, 500 reis; e convicto de que attendereis á supplica que vos faço, e confiada inteiramente na efficacia da vossa intercessão, confesso-me vosso novo devoto. — *N.*

Uma casa de beneficencia necessitada — Grande Santo Antonio, as obras tão necessarias na casa, que está sob a vossa protecção, consomem o que estava reservado para os pobresinhos que n'ella se recolhem. Mostrae que sois nosso protector desvelado, movendo o coração dos favorecidos da fortuna, para que venham em nosso auxilio. N'um d'esses, que está enfermo, tendes occasião propicia, movendo-lhes o coração em nosso favor, e cobrindo-o de graças do Ceu. Se nos alcançardes tal graça, prometto-vos 5$000 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

Emprego — Glorioso Padre Santo Antonio, mais uma vez venho a vossos pés renovar o meu pedido, implorando a vossa protecção, afim de que intercedaes perante a SS. Trindade, para se dignar deparar-me um emprego, se isso fôr conducente á minha salvação eterna. Se no praso de 6 mezes me conseguirdes esta graça, que ora vos imploro, cumprirei a promessa já feita, de dar 20$000 reis para o pão dos vossos queridos pobresinhos.

Exames — Meu glorioso Santo Antonio de Lisboa, se vós permittirdes que eu faça exame nas condições que desejo, e que fique approvado, dar-vos-hei 300 reis para o pão dos vossos pobres. — *J. V. B.*

Petições diversas — Meu glorioso Santo Antonio, eu vos peço e rogo pelo habito que vestistes e por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, que façaes com que eu receba todas as minhas cousas, e tambem possa pagar o que devo até agosto do corrente anno, que depositarei na vossa caixa, para ser distribuida aos pobres, a quantia de 2$000 reis. — Guaratinguetá (Brazil) — *J. B.*

— Darei 50$000 para o pão dos pobres, se Santo Antonio me conceder a graça que eu lhe peço.

II

Graças de Santo Antonio

Aegri surgunt sani — Meu Bemaventurado Santo Antonio, com o ccração cheio de reconhecimento, pelo grande beneficio que nos fizestes de dardes saude ao meu Pae, venho hoje agradecer-vos do intimo da alma esta graça tão grande, que nós não mereciamos. Bemdito sejaes, meu santo querido, jamais deixarei de vos invocar todos os dias da minha vida. Estou a acabar de bordar a toalha, conforme vos prometti.

— Agradeço-vos meu Santo Antonio, o beneficio que me fizestes de conceder a vida ao reverendo abbade de Santa Marinha de Novigilde, que estava já moribundo. E por esta graça vos remetto o que vos prometti para pão dos pobresinhos.

— Meu querido Santo Antonio venho agradecer-vos de todo o meu coração a graça que me concedeste, curando a pessoa, por quem vos pedi, da enfermidade dos olhos, que a affligia. Em agradecimento vos remetto 1$000 reis para os vossos pobres. — 29-6-96.

— Meu glorioso Santo Antonio, venho agradecer-vos milagroso santo o grandiosissimo favor que me fizesteis em me salvar a minha filha, que estava muito doente. Cumpri a promessa que vos fiz de fazer uma novena, e dar-vos 500 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

Objectos achados — Meu bom santo, com muita razão vos chamam todos deparador das coisas perdidas; pois que tendo-nos esquecido na estação umas coisas, (hontem 23) e não tendo nenhumas esperanças de se tornarem a encontrar, eu então com toda a confiança vos invoquei. E eis que fomos á estação e lá encontramos tudo, tendo passado desde pela manhã até á noite. Por'isso digo e direi sempre que foi S. Antonio, que nos valeu n'esta afflicção,

porque os objectos eram de valor. Recebei pois meu santo bemdito os meus agradecimentos, e de toda a minha familia, e os 200 reis que vos prometti para os vossos pobresinhos. — Braga, 24-6-96. — *P. S.*

Graça espiritual — Meu bom protector Santo Antonio, cheia do maior reconhecimento venho hoje dar publico testemunho da minha gratidão pelos beneficios que por vossa intercessão tenho alcançado, principalmente quando o anno passado me vi tão attribulada. Lembrei-me então de recorrer ao vosso patrocinio, para que pudesse viver na paz do Senhor, e fosse livre das más e crueis companhias, que por tanto tempo me martyrisaram. N'essa occasião prometti dar annualmente a esmola de 500 reis para os pobresinhos, cuja quantia remetto. Continuarei a mandar-vos, meu bom Santo os 500 reis annuaes, se me continuardes a proteger. Até para o anno, se Deus quizer — Lago, 1-6-96.

Diversas outras graças — Um devoto de Santo Antonio reconhecido envia a offerta de 1$000 reis para o pão dos pobres. — Envio-vos, meu Santo glorioso, 200 reis pelo beneficio recebido.

— Eu vos agradeço meu glorioso Santo Antonio e peço me perdoeis o meu descuido em demorar para tão tarde o cumprimento d'este dever de gratidão. Braga, 10-6-96. — Remetto os 20$000 reis ao glorioso Santo Antonio pelo beneficio recebido. *N.* — Uma professora tambem agradece a Santo Antonio a sua transferencia para um lugar onde tem todos os soccorros espirituaes. — Estarreja.

— Glorioso Santo Antonio, venho agradecer-vos a graça que me alcançastes, e cumprir a promessa que vos fiz, que são 3$500 reis para dardes de comer aos vossos pobresinhos.—Vieira, 27-6-96 — *E. da C.*

— Meu caro Santo Antonio, venho muito reconhecido agradecer-vos o grande beneficio que de Nosso Senhor alcançastes para mim e para minha familia. Continuae, ó grande Santo, a vossa obra, conservando o que já fizeste, e conseguindo ainda de Nosso Senhor outras graças de que muito carece aquella que vos dignastes receber no numero dos vossos protegidos. Envio-vos para o pão dos vossos pobresinhos os 200 reis que vos prometti. Oxalá pudesse dar-vos maior quantia. — Paramos, 22-6-96 — *M.*

— Viva Jesus e Maria! Eu vos agradeço, glorioso Santo Antonio, por me terdes concedido o favor por que a vós recorri, e vos envio 5$000 reis do meu compromisso para o pão dos pobres. Assim como tambem prometto, se vós me concederdes o bom exito da operação, a qual não seja preciso repetir mais, a esmola de 50$000 reis. — Lisboa, 22 — 6 — 96.

— Ex.mo snr. director da *Voz*. - Uma longa enfermidade fez-me recear bastante a prova final dos meus trabalhos escolares, e implorando eu a protecção de Santo Antonio, prometti-lhe publicar na sua *Voz* a graça d'approvação, se porventura a recebesse. Ora, como Santo Antonio attendeu as minhas preces, venho cumprir a minha promessa pedindo-lhe a publicação d'esta graça. Enviando 100 reis para o pão dos pobres, sou, etc.—*J. M.*

— Meu querido Santo Antonio: — Eu vos agradeço penhorada o *milagre* que me fizeste de me deparar o brilhante. Beijo-vos espiritualmeute os pés, e entrego vos o que vos prometti.

Agradeço-vos summamente o bom regresso de meu pae, sem lhe ter acontecido mal algum na viagem, e chegando no dia e hora indicados, vindo contente e satisfeito. Eu vos prometti mandar publicar a graça na «Voz», o que ora faço, pedindo-vos o acompanheis em todas as viagens, livrando-o de todos os perigos na alma e no corpo.

III

Rendimento do Pão dos Pobres

Na 1.ª quinzena do mez de julho rendeu a caixa de S. Antonio em Braga, 150$735 reis e um par de botões; na 2.ª quinzena, 171$710 reis, incluindo uma peça de 8$000 reis d'el-rei D. Miguel I, uma libra em ouro, e um annel do mesmo metal. Rendeu por conseguinte 322$440 reis.

— Tem tambem havido a distribuição do pão dos pobres, segundo nos informa o rev.mo abbade Manoel de Jesus da Resurreição, em Villaroco, Lamego.

Brazil — Em Guaratinguetá, onde a «Voz de S. Antonio» tem tido benevola acceitação, foi aberta pela primeira vez a caixa do pão dos pobres, encontrando-se 70$000 reis.

Viva S. Antonio!

A MEDALHA BREVE DE S. ANTONIO

Damos aos nossos leitores uma gravura representando a *Medalha Breve de S. Antonio*, insignia dos membros da Pia União.

No centro está o Santo com o Menino Jesus no braço esquerdo e o lirio tradicional na mão direita. Em roda leem-se estas palavras: *S. Antoni ora pro nobis*, ou *S. Antonio rogae por nós*. Na parte superior está o monogramma do SS. Nome de Jesus, cujo culto é uma das mais puras glorias da Ordem Seraphica. Na parte inferior apparece o brasão d'esta Ordem, á qual pertencia S. Antonio; e nos dois braços da cruz lê-se: *Pia Unio S. Antonii* etc., em portuguez: *Pia União de S. Antonio, erecta em Roma, via Merulana, 124.*

No reverso da medalha está gravada a celebre jaculatoria de S. Antonio: *Ecce crucem Domini*, etc.; em portuguez: *Eis aqui a Cruz ✠ do Senhor, fugi partes contrarias, que venceu o Leão da tribu de Judá, Filho de David, alleluia* (100 dias d'indulgencias concedidas por Leão XIII a 21 de maio de 1892.)

A historia d'esta celebre oração é muito conhecida; succedeu em Santarem. Vivia alli uma senhora nobre, entregue a obras de piedade e devoção. O inimigo, invejoso de seus progressos na virtude, começou a tental-a com frequentes pensamentos de desconfiança na misericordia do Senhor. A infeliz a principio resistiu, mas vendo-se tão attribulada, cahiu n'uma profunda tristeza. O demonio, que, como se diz vulgarmente, gosta de pescar em aguas turvas, achando o campo tão bem preparado, appareceu-lhe na figura de Jesus Christo crucificado, dizendo-lhe que o unico remedio para conseguir sua eterna salvação era atirar-se ao Tejo.

A triste, não conhecendo a cillada, resolveu-se a pôr por obra o infernal conselho; mas antes de executal-o, foi á Igreja de S. Francisco d'aquella cidade, e ali, ante uma imagem de S. Antonio, pediu ao Glorioso Thaumaturgo lhe désse forças, e a ajudasse n'aquella tão difficultosa como arriscada empresa. Foi larga sua oração, e, prostrada pelo cansaço, adormeçeu profundamente. Appareceu-lhe o Santo em sonhos, e, dissuadindo-a do infernal projecto, deu-lhe um pergaminho, aconselhando-a a que sempre o trouxesse comsigo. Acordou a mulher, e desenrolando o pergaminho, viu n'elle escripta a jaculatoria a que nos referimos. Desde então desvaneceu-se a tentação, e dissiparam-se as nuvens que lhe offuscavam a razão.

Chegou o caso ao conhecimento d'El-rei D. Diniz, que, desejando possuir o milagroso pergaminho, o alcançou, por força ou por vontade, da pobre da mulher, que, mal se viu sem elle, foi logo assaltada das antigas duvidas e tentações. Então o rei mandou se tirasse cópia fiel do pergaminho, a qual, entregando-se á mulher, produziu n'ella os mesmos effeitos que produzira o precioso autógrapho.

Veem portanto os devotos do Grande Thaumaturgo portuguez, que a medalha breve de S. Antonio é não só uma insignia de que' poderão justamente gloriar-se, mas tambem um poderoso preservativo contra as cilladas infernaes.

Seria muito para desejar que a possuissem todos os membros da Pia União, e a trouxessem comsigo, senão sempre, ao menos em todas as funcções solemnes, como são distribuição do *Pão dos Pobres*, etc.

A Cruz, mandada cunhar por ordem do Rev.mo Padre Ministro Geral dos Franciscanos, é d'uml a-vor delicadissimo. A nossa gravura apresenta-o no tamanho natural, com as duas faces. [1]

Medalha Breve de S. Antonio (anverso)

Medalha Breve de S. Antonio (reverso)

ECHO DAS MISSÕES

Asia. — Chen-Si septentrional. — Em Creta. — Chautong septentrional. — Missionario morto. — Piratas submettidos, — Em Belgão. — Um frade, consul francez. — A fome no Tonkim. — *Africa.* — Missionario arabe. — Uganda. — Erythréa. — O Padre Berthieu. — *Oceania.* — Partida de missionarios franciscanos. — *America.* — Representação. — Na Republica Argentina. — Missões da Patagonia. — Hospital de leprosos.

ASIA

Chen-Si septentrional. — De uma carta dirigida por uma Irmã franciscana, missionaria de Maria, aos associados da Santa-Infancia e inserida nos Annaes da mesma obra, colhemos que os trabalhos d'estas benemeritas virgens lá vão fazendo entrar nas almas dos infieis o conhecimento da verdadeira luz de que elles e muitas gerações que os precederam foram privados. Refere a mesma Irmã a coragem com que duas crianças, pelejaram contra a vontade, ameaças, promessas e mil outros ardis de seus pais que as criam fazer casar á viva força. — Cumpre notar, para melhor se aquilatar a valentia d'estas jovens, que na China uma mulher não é senhora do seu destino, mas ainda creança os paes entregam-na ou vendem-na a qualquer homem que mais satisfizer os ambiciosos desejos dos mesmos, sem nada se lhes dar dos gostos e inclinações das pobres martyres das brutalidades paternas.

As nossas creanças pois reluctaram sempre, soffreram açoutes, maus tratos, desprezos e muitas brutalidades sem que jámais de seus labios sahisse outra palavra de consentimento que a cathegorica affirmação de que queriam ser da companhia das esposas de Jesus. — Uma chegou ainda a ser expulsa da casa paterna, mas foi recebida pelas Irmãs missionarias que ajudadas das esmolas da obra da Santa Infancia, embora sejam mui minguadas, soccorrem a esta e a muitas outras pobres creancinhas — Por fim os paes deixaram-nas em paz.

Em Creta — Esta formosa ilha é presentemente theatro de horrivel carnificina, os christãos opprimidos pelos seus barbaros dominadores, os filhos de Islam, açacalaram suas armas para ganharem sua independencia, e parecem não estarem promptos a largal-os senão quando se lhes fizer justiça. Já em 1877 e 78 quando a Turquia estava abatida e exhausta com a guerra da Russia, tentaram as povoações christãs que formam a quasi totalidade dos habitantes da ilha, sacudir o jugo mussulmano; mas foram tantas as promessas, tantas as liberdades garantidas pela Turquia, que a ilha socegou. Prometteram lhes um governo representativo, reformas administrativas, judiciarias, financeiras e plena liberdade de seu culto. Já lá vão 18 annos depois da convenção de Halepo em que lhe foram feitas tão brilhantes promessas e até ao presente ainda a ilha espera a realisação d'ellas.

Os cretenses exasperados pegaram das armas e o sangue tem jorrado e tem se feito horrorosas carnicerias; villas e aldeias tem sido reduzidas a cinzas. O antigo odio mussulmano accordado nos peitos dos turcos, tem commettido acções requintadas de fereza e crueldade. Muitos christãos inermes e inoffensivos tem sido assassinados a sangue frio e prepositadamente pelos turcos

Estas carnificinas são a continuação das da Armenia de que já demos noticia em nossa *Voz de S. Antonio* e que levaram as vidas de 80:000 christãos E' tão grande o horror que tem os paes de familia de que suas filhas cahiam

[1] A' venda na *Pharmacia dos Orphãos*, Braga. Dirigir-se ao snr. thesoureiro da *Voz de S. Antonio*, em carta, acompanhada da respectiva importancia. O preço é: 200 reis para as de cobre e 140 rs. para as de metal amarello e d'aluminio.

em poder dos mussulmanos que muitas vezes matam-nas antes de chegarem a cahir em suas mãos.

E a Europa assiste tranquilla a estas scenas de tamanha barbaria !

De Chautoug septentrional. — Escreve um religioso franciscano: O numero das povoações d'este Vicariato é incalculavel; faltam porém operarios. A missão, graças a Deus e ao zelo do nosso infatigavel bispo e de mais poucos sacerdotes vae sempre crescendo, chegando até a converterem-se povoações inteiras. Eu posso consolar-me de ter com a ajuda de Deus salvado a muitos meninos e aberto-lhes as portas do ceu com as aguas do santo baptismo. E' incrivel o numero mórmente de meninos, que mães desnaturadas fazem morrer. Se as não recolhesse ou seriam lançadas á rua a servir de pasto aos cães, ou afogadas no rio, ou sepultadas semi-vivas.

Diz este mesmo religioso que muitas creanças são soffocadas logo ao nascer. — Que horror! O que é a falta da luz evangelica !

Missionario morto. — Na formidavel hecatomba em que o mar do Japão foi assassino de mais de 48:000 vidas temos a lamentar a perda do joven missionario M. Rispal e de muitos christãos. Morreu elle no desempenho do seu ministerio. — Havia feito onze leguas de caminho quando lhe anoiteceu em Kamaishi, onde teve de pernoitar, devendo seguir depois mais outras onze leguas para ir acudir a um enfermo. Nosso Senhor porém reservava-lhe esta triste noite para a ultima provação que devia soffrer n'este mundo porque foi aqui que fez fim.

Eram oito horas da noite quando se sentiu um tremor de terra e pouco depois um estámpido formidavel, semelhante, dizem as testemunhas, á detonação simultanea de cem canhões. Esta detonação foi acompanhada de insolito ruido que semelhava o crepitar de immensa fogueira. Todos procuraram fugir e os dois companheiros do missionario vingaram uma collina; mas o missionario não foi tão prompto em seguil os e foi uma victima d'esta horrorosa catastrophe. Seu corpo não mais foi achado. Suppõe-se que ficaria entre os escombros do edificio que esse vagalhão de 80 pés de altura e 300 milhas de comprimento, na resaça levou para o fundo do mar.

Piratas submettidos. — E' devido á dedicação e ás perseverantes negociações havidas entre Mons. Velasco, prelado da missão catholica de Bac ninh, e os dois chefes piratas que estes foram submettidos e se apresentaram ao residente de Bac ninh.

Eram elles homens crueis e deshumanos; onde chegavam devastavam tudo e a ninguem poupavam: homens, mulheres, velhos e crianças todos eram pasto de seus ferozes instintos. Por vezes se havia mandado tropas contra taes bandidos, mas sempre em balde. E elles sempre seguindo em sua tarefa de destruição. Uma povoação atacada por elles era reduzida a cinzas, seus habitantes degolados, queimados, e muitas vezes extripados e esquartejados.

Este estado de coisas já terminou graças á influencia que o dito missionario exercia no paiz.

Em Belgão. — Uma carta publicada no *Mensageiro do Coração de Jesus* diz que na capella de Santo Antonio em Belgão ha missa todos os dias, sermão em tamil todos os domingos e dias santos de guarda. Tambem doutrina christã para meninos e meninas madrasteiras todos os domingos e quintas-feiras de tarde. — Foi tambem administrado o baptismo a um gentio marata que raras vezes se convertem.

Um frade consul francez. — O P. Defrance dominicano, da missão de Mossul (Mesopotamia) foi encarregado do consulado francez de Van na Armenia. Diversos outros religiosos tem já por differentes vezes representado a França no extrangeiro.

A fome no Tonkim. — E' muito triste o estado em que se encontram as povoações do Tonkim. A fome lavra por toda a parte de uma maneira assustadora. Homens e mulheres pejam as estradas e logares transitados ou habitados a pedirem com que matar a fome. Alguns sem se poderem mover, morrem ao desamparo, outros como espectros da morte mal podem andar a mendigar alguma migalha de pão ou alguns grãos de arroz. Tanta miseria e tanta desgraça obrigaram os pobres missionarios a solicitarem dos europeus algum remedio para tantos males, que elles não podiam soccorrer por falta de meios e a caridade catholica tem respondido ao seu appello, mercê de S. Antonio, a quem o Procurador das Missões francezas do Tonkim recorreu, sendo promettida ao Santo certa quantia se elle chegasse a juntar determinada somma de francos.

Mais de 7:000 francos já foram enviados aos famintos que só christãos são mais de 200:000 e o nosso glorioso Thaumaturgo tambem já foi entregue do dinheiro promettido para seus pobresinhos. E se elle fizer que a somma attinja 10:000 francos (2 contos) levará ainda maior maquia para os seus pobres. Esperamos que fará a graça porque se trata de pobres e elle ama muito os pobres.

Um missionario fallando da miseria do paiz, diz: o coração se confrange ao ver as ruas de Hanoi apinhadas de mendigos que só tem a pelle a cobrir-lhe os ossos. O pouco arroz que houve em algumas povoações foi mui prejudicial, porque ainda o grão não estava maduro e já todos cahiam sobre elle; o que foi causa de que muitos d'estes infelizes morressem de dysenteria e de colera.

AFRICA

Missionario arabe. — Nas ultimas ordenações de presbiteros na igreja primacial de Carthago, havia um joven arabe, orphão recolhido pelo Cardeal Lavigerie durante a fome de 1867. E' elle destinado a ir levar a luz da fé aos infieis do continente africano.

Uganda. — Mons Hirth, bispo de Uganda conta em uma carta os sustos e temores dos pobres missionarios rodeados de tigres e liões e algumas vezes assaltados pelos mesmos. Já por duas vezes que o tigre visitou os missionarios levando-lhes n'estas desagradaveis visitas 32 cabeças de gado. A força d'este animal é prodigiosa; d'um pulo salta um muro de 3 metros de alto e carregado com uma boa cabra.

O lião porém é mais terrivel. Já por uma vez levou o melhor dos jumentos do serviço da missão. Os indigenas temem-no muito e não ousam atacal o como fazem por vezes ao tigre. Apesar de visinhos tão incommodos e de tão molestas visitas a missão vai prosperando.

Ao catechismo de semana concorrem 500 a 800 catechumenos, ao do domingo ajuntam-se ás vezes 3:000 pessoas.

Ha dois orphanotrophios. Outr'ora as creanças eram resgatadas aos mussulmanos compradores de carne humana; hoje, segundo conta o mesmo bispo missionario, são estes apoiados secretamente em seu trafego pelos europeus chamados antiescravistas e por isso não podem fazer o resgate como antes; a fome porém incumbe se de lhes levar os pobres negrinhos mortos de fome. Depois educam nos e ensinam-lhes o catechismo.

Erythrea. — O P. Miguel de Carbonora, prefeito apostolico de Erythrea enviou a Propaganda a estatistica da povoação catholica d'esta prefeitura. Entre 196:000 habitantes, são catholicos 9:700; 16 padres coptas cuidam estas almas. Ha tambem 9 institutos religiosos com 212 educandos e mais um seminario com 45 alumnos.

O Padre Berthieu. — Já no numero anterior da nossa revista demos noticia da morte do illustre martyr jesuita P. Berthieu. Hoje relatamos alguns pormenores do seu acerbo martyrio, colhidos d'um jornal francez que diz assim:

«Deixaram-no um dia e uma noite inteira amarrado a uma arvore, sem alimento e exposto ás intemperies da estação. No dia seguinte despojaram-no dos proprios vestidos, cortaram lhe o nariz e as orelhas e enfiaram-lhe os olhos com um espeto de pau endurecido ao lume e afogueado. Em seguida sujeitaram seu corpo a horriveis mutilações. Em estado tão lastimavel era obrigado a conservar-se de pé, amarrado a um poste e com as entranhas a derramarem-se. Depois seus verdugos desfilaram-lhe por diante descarregando-lhe cada um por sua vez um golpe de azagaia. E por uma requintada crueldade tentearam os golpes de sorte que lhe não tirassem a vida, mas só lhe

aggravassem os soffrimentos. Ao cabo de duas horas de horrivel padecer os Fahavalos obrigaram o criado do mesmo padre a que lhe acabasse com a vida sob pena de elle ficar sem ella. O homem movido do medo e de compaixão toma sua azagaia fere-o de lado, atravessa lhe depois a nuca e assim põe termo ao cruel martyrio do santo missionario.

Como é heroica a vida do missionario!

OCEANIA.

Partida de missionarios Franciscanos. — No porto de Barcellona se embarcaram 16 missionarios da Ordem franciscana com destino ás ilhas Carolinas e Philippinas. Vão elles estender o reinado de Jesus e manter a soberania hespanhola n'aquellas remotas paragens, onde os inimigos de Deus e da sua patria trabalham com actividade e affinco na obra immoral da descatholisação dos povos e rebellião dos mesmos contra toda a auctoridade divina e humana.

AMERICA

Representação ao presidente da republica. — As damas e senhoras de Ibarra (Equador) fizeram uma representação cheia de força e vigor em que significavam ao presidente da republica que os franciscanos capuchinhos brutalmente expulsos do territorio equatoriano não eram merecedores de tão iniqua sentença e por isso pediam que lhes escutasse sua voz que pedia a readmissão dos bons religiosos.

Lembram-lhes os trabalhos do seu santo ministerio e os beneficios que de contínuo derramavam sobre os moradores da cidade e ainda sobre os povos em distancia. Recordam-lhes o sino do convento annunciando á cidade que os religiosos oravam ao ceu emquanto os habitantes da mesma discorriam temerosos de ficarem sepultados sob escombros d'algum edificio desabando á sacudida do solo pelas violencias dos terremotos. — Pintam-lhe o pobre e o necessitado batendo á portaria dos religiosos a pedirem alimento... — E depois proseguem: — «Vinte annos assim foram passados. Agora... Callada a voz do sino annunciadora de suas orações!... Fechado o asylo do penitente!... Em silencio sepulchral o santuario da Virtude!... Sellada a porta onde accudia o necessitado!...

E, que é feito dos filhos do Seraphim de Assis? — Transpozeram as fronteiras da terra equatoriana. Em noite obscura e chuvosa, a pé, cercados de escolta, foram arrancados ao palmo de terra que pediram e expulsos do paiz onde só derramavam beneficios!...»

E por fim terminam pedindo-lhe proteja a religião catholica, porque se o não fizer, nada terão jámais que agradecer-lhe.

E' digno de todos os encomios e elogios a intrepidez com que estas senhoras levantaram suas vozes pedindo satisfação para a justiça ultrajada.

Missões na Patagonia. — Os RR. Padres salesianos, incançaveis sempre nos seus trabalhos apostolicos, muito tem feito em beneficio dos povos d'aquellas remotas regiões. Tem feito longas viagens, excursões difficeis, soffrido privações sem numero; a colheita porém tem sido rendosa em baptismos de indios e de filhos de familias christãs. São aos milhares as pessoas que receberam a graça dos sacramentos e ouviram as maximas do Evangelho movidos das quaes muitos tem mudado de vida e practicada as virtudes christãs.

Em *Rawson* benzeram estes religiosos um cemiterio catholico, terminaram um hospital e estabeleceram as conferencias de S. Vicente de Paula para cuidarem dos pobres e enfermos sendo n'isto ajudados pelas Irmãs dé Maria Auxiliadora.

Alguns chefes dos indios tem visitado os religiosos procurando a sua amisade e pedindo missionarios para as suas terras. Um d'estes chefes já recébeu o baptismo com muitos dos seus.

Em *Candelaria* levantaram tambem com grandes sacrificios uma igreja, dois collegios e casas de madeira para abrigar os indios Onas dos quaes alguns se ficam na missão outros voltam a suas matas por não haver muitas vezes que dar-lhes.

Nas diversas missões da Patagonia tem estes religiosos 16 collegios, onde 1:500 estudantes recebem o ensino segundo o programma official: Tem tambem escolas de artes e officios, onde se ensinam os diversos misteres de carpinteiro, ferreiro, sapateiro, funileiro e tambem de esculptor, em cujos trabalhos são muito admirados.

Estas missões e estes sacrificios dos RR. Padres salesianos tem sempre até hoje merecido a approvação do governo. Mas o demonio que não estava ocioso vendo-lhes practicar tanto bem, por isso ultimamente no Rio Negro levantou serios embaraços aos pobres religiosos que são perseguidos pela só razão de que o ensino por elles administrado é todo fundado nos principios religiosos e que ensinam além das disciplinas do programma official o cathecismo e porque acompanham os alumnos nos domingos e dias santos ao templo.

Sempre é ter espirito de "« liberdade »!

Hospital de leprosos. — Em Luiziania (Estados Unidos) fundou-se um grande hospital para leprosos cujo cuidado foi entregue ás Irmãs da Caridade. — A abnegação heroica é a paga com que respondem ás calumnias que seus inimigos lhes cospem!

Secção Scientifico-litteraria

A POLITICA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA SOCIAL

II

A Monarchia e a Philosophia

No capitulo precedente raciocinámos debaixo d'um ponto de vista geral.

Pode perguntar-se se, não obstante a sociedade civil poder conseguir o seu fim com todas as formas de governo, não haverá entre ellas alguma que possa mais facilmente e com maiores vantagens ser util á sociedade.

Sem querermos entrar na questão especulativa de qual seja a melhor forma de governo, examinemos philosophicamente o valor relativo de dois principios extremos e oppostos, que se costumam contrapor: o principio monarchico e o principio democratico.

Diz-se regimen monarchico aquelle em que o poder politico é exercido por um só e transmittido por via hereditaria. Ainda que a ideia de herança não se derive necessariamente da etymologia de Monarchia, todavia, pode ser considerada como de facto inherente ao systema politico, geralmente designado com este nome.

Ha tres classes de theorias philosophicas favoraveis ao regimen monarchico.

Segundo a primeira d'estas theorias, a Monarchia é uma forma de governo normal, natural, universal, a expressão exacta da ordem providencial no dominio politico, como a familia é a expressão exacta da ordem providencial no dominio domestico. N'este systema o consentimento popular não tem maior intervenção na escolha do soberano, do que o consentimento dos filhos na escolha do pai.

O rei deriva a sua auctoridade da sua qualidade de auctor, de fundador da sociedade politica,

como o pai tem a sua auctoridade da sua qualidade de auctor da sociedade familiar, e o direito de governar transmitte-se indefinidamente de pais a filhos, em toda a linha de descendentes.

Esta theoria teve e tem ainda hoje graves protogonistas. Bossuet defendeu-a com ardor. Outros suppoem-na bastante inclinada ao absolutismo.

A segunda theoria, mais adoptada, é a que, sem conceder á Monarchia um caracter de necessidade absoluta, a considera como a fórma de governo mais geral, mais apropriado ao estado ordinario das sociedades humanas, mais apta para favorecer o seu desenvolvimento. De Bonald e de Maistre são os seus principaes e mais illustres defensores,

Emfim, a terceira theoria não attribue á Monarchia nenhum caracter de superioridade intrinseca sobre as outras formas de governo. Seria, como estas, susceptivel de procurar o bem social, e derivaria a sua maior ou menor utilidade das circumstancias de tempo e de logar e do caracter particular de cada povo.

Quaesquer que sejam as differenças entre estes tres systemas, concordem todos no reconhecimento das vantagens inherentes ao regimen monarchico: unidade e estabilidade no governo da republica, pela concentração do poder em uma só mão; continuidade historica, pela herança do poder supremo; maior competencia no soberano, pela formação politica que lhe advem das tradições de familia e educação especial; administração mais prudente, pela identificação dos interesses do soberano com os da nação; paz interna, pela impossibilidade de conflictos politicos.

A estas vantagens costuma oppor-se a tendencia da Monarchia á centralisação, ao absolutismo e á tyrannia; os perigos da herança, que pode perpetuar e desenvolver os vicios como as virtudes.

Mas, estas objecções não nos parecem sufficientes para condemnar, *á priori*, o regimen monarchico, em nome da philosophia. Provam somente que a Monarchia, como toda a instituição humana, não está isempta do abuso que o orgulho pode fazer d'ella.

Se a possibilidade de abusar bastasse para provar a illegitimidade d'uma instituição, qual seria aquella que se sustentaria perante o tribunal da razão?

Accrescentemos, porém, como consequencia do principio acima exposto, que uma instituição monarchica, concebida na sua accepção completa de regimen hereditario e monocratico, não pode pretender, de facto, a legitimidade da sua existencia, senão emquanto fôr apta para levar, *habitualmente*, ao poder supremo o individuo mais digno de exercer aquellas funcções, isto é, satisfazer ás necessidades sociaes do povo, cujo governo está em suas mãos.

Não ha espirito serio, por mais convencido que elle esteja da superioridade do principio monarchico, que não admitta que esta forma de governo deveria desapparecer, quando se chegasse a demonstrar que não era sufficiente para satisfazer ás necessidades de tal sociedade determinada; pois que, segundo um velho axioma, são os governos para os povos e não os povos para os governos.

Não ha duvida que a melhor forma de governo é a que melhor juntar estes dois elementos: *unidade* e *efficacia;* unidade de *fim*, de *auctoridade*, de *harmonia;* efficacia de *espirito publico*, de *legislação* e de *força material.*

Ora, a unidade de fim particular com o geral deve encontrar-se em todas as formas de governo, porque não é outra cousa senão governar com justiça.

Mas não se póde negar que na Monarchia é mais facil obter esta unidade, por ser mais facil encontrar *um* prudente e bom, do que *muitos*. A *unidade de auctoridade* é certamente maior na monarchia.

A *harmonia* entre governantes e governados parece maior na polyarchia, sendo os mesmos individuos subditos e soberanos.

Mas, em toda a republica, é sempre superior o numero dos que não governam; donde resulta contenderem os nobres e os plebeos, como se viu tantas vezes nas republicas de Roma e de Genova, e na aristocracia da Suissa.

A *efficacia do espirito publico* deve necessariamente ser maior na republica, porque sem isso não poderia subsistir. Mas, ai da republica que tenha por unico ou principal apoio o espirito publico, porque então é o mais fraco dos governos.

Não é outra senão esta a causa da pouca duração, em geral, das republicas, tornando-se-lhes assaz difficil conservar o espirito vigoroso.

Segundo a estatistica de Haller a republica de Athenas durou 272 annos; a de Roma 465; a de Genova 269; a da Suissa 442; a da Holanda 207. Veneza foi a unica que attingiu 1:343 annos. Poderiamos continuar a serie; mas, se exceptuarmos Sparta cujas leis são um phenomeno portentoso na historia da ordem social e pouco invejaveis para um povo civilisado, e S. Marino, que deve á sua extensão microscopica a sua duração, as outras não foram além dos periodos referidos.

A *efficacia das leis* tem por medida a sua *justiça* e *execução*. Emquanto á primeira, é opinião de muitos que as leis devem ser mais justas n'uma republica, em que o interesse do corpo legislativo comprehende maior numero de interesses particulares. Assim dizia Burlamachio.

Mas este argumento confunde duas cousas muito distinctas: o *interesse de muitos* e o *interesse commum*. No caso presente, o interesse do corpo legislativo seria uma garantia dos interesses dos mais fortes e mais numerosos; mas, se a justiça não governar as suas acções, os pequenos e o menor numero ficarão esmagados.

Mas são estes precisamente os que devem constituir o principal objecto da protecção social.

Em 27 de novembro de 1843, dizia O'Connell na assembleia da *Revogação:* Sempre sustentei que o povo tem maior necessidade de dar o seu suffra-

gio que os ricos. E porque este facto não tem logar na legislação ingleza, por isso, affirma Say, ha alli abusos que se não podem corrigir por meios legaes.

Um facto eloquente, ainda vivo em vossos dias demonstra bem evidentemente que o *interesse de muitos* não é o *interesse commum*; referimo-nos á Irlanda que, de ha seculos, geme debaixo da mais horrorosa oppressão; o mesmo se vêem toda a parte, onde enfraquecida a caridade christã pela falta do espirito de fé, entraram as leis a suppril-a. Ha aqui um grande argumento em favor da Monarchia: o povo, tão facil em se sublevar nas republicas, é pacifico e affeiçoado ao seu soberano nos governos monarchicos. E se os demagogos mais d'uma vez conseguiram persuadil-o que era infeliz, ou, como elles dizem, lhe fizeram conhecer os seus interesses e o que elle valia, foi á força de intrigas, de traições e lisonjas, e sobre tudo com a força das armas.

A *execução* das leis depende da *força*, da *actividade* e da *constancia*. Será mais *forte* na Monarchia, onde ha maior *unidade* na auctoridade. Mais *activa* na polyarchia, mas encontrará numerosos contrastes.

A *constancia* tem a morte por inimigos na Monarchia; na republica o obstaculo á constancia é a mobilidade do povo.

A força material pode, na forma republicana, avantajar-se com o commercio; mas uma vasta extensão de territorio não pode ter vida longa com um governo commum: é necessaria a Monarchia para sustentar seu peso. A republica romana cahia debaixo do proprio peso quando Augusto lhe lançou a mão. Os grandes imperios do oriente foram creados por monarchas. Gengis-Can conduzia os Tartaros ás grandes emprezas que a historia refere; do mesmo modo Carlos Magno os barbaros e Mahomet os Arabes.

As lettras e as sciencias parecem estar dependentes da Monarchia; Roma orgulha-se dos seculos de Augusto e de Leão X, a França de Luiz XIV, a Prussia de Federico, Florença dos Medici.

Sob o governo dos monarchas a sciencia antiga brilhou no tempo de Salomão, na Palestina; no tempo dos Pharaós e dos Ptolomeus, no Egypto; fundou um governo de litteratos na China; brilhou como o esplendor d'um metheoro entre os Arabes. Carlos Magno abriu as portas do saber á Europa; Vladimiro e Pedro o Grande á Russia; Affonso á Hespanha; Alfredo á Inglaterra; emfim os monarchas mais poderosos constituiram, ordinariamente, o seculo das lettras em todas as nações.

Nas republicas, quando floresceu a sciencia? Somente em Athenas; e ainda n'esta, diz Muller (Hist. Univ.) foi quando já não primava como republica, mas sim quando recebeu leis dictadas por um só, ou voluntariamente de Pericles, ou por força de Alexandre.

Roma, Republica, deixava as artes, as lettras e as sciencias aos seus libertos·

Excudent alii spirantia mollius aera etc.
Tu regere imperio, populos, Romane, memento
(AEN. L. VI.)

E quando se ennamorou das artes da paz, ou se extinguiu ou já se achava extincto n'ella o espirito republicano.

(Continua).

Á SENHORA APPARECIDA

O ILLUSTRE auctor do *D. Jayme* dirigiu ao ex.mo conselheiro Barros Gomes um excerpto d'um poema que o laureado poeta começou ha pouco. Refere-se a um episodio succedido no tempo de Aviz, relativo á *Senhora Apparecida* que se venera ainda hoje no Jamor.

O ex.mo conselheiro Barros Gomes publicou o dito episodio, acompanhado de um brilhante artigo seu, sobre o culto á virgem prestado pela poesia, no valente jornal de Lisboa, o *Correio Nacional*, d'onde, com a devida venia, transcrevemos o sobredito excerpto, que é como se segue:

A GRUTA

.....
Em vez d'exercitos d'anjos
um só velho a te guardar.
Mas virá dia, algum dia,
quando o teu filho ordenar
que de gente baptisada
te vejas desencantar.
E os ossos nús do teu servo
na terra se hão-de alegrar.

A. F. DE CASTILHO.

A SENHORA DA NAZARETH

Esse templo que alveja sobre a rocha
na margem do Jamor
tem por baixo uma gruta escura e fria
onde os moços da aldeia, acaso um dia,
encontraram a Mãe do Salvador.
Imagem pequenina: miniatura
da oriental celeste formosura
que fôra Virgem, Mãe, Fonte d'amor.
Olhos tristes, mãos postas, face terna;
tinha um manto de seda já desfeito
pela humidade morna e pestilente
da lobrega caverna.
Ao pé, jarra de flores desvidrada,
além, não longe, em frente
apodrido esqueleto,
desconjunctado, carcomido, abjecto!

Este quadro sombrio e fragmentado
visto á luz vacillante d'uma tocha
pelo bando infantil que entrou de rojo
No lobrego covil da esconsa rocha
mostra, nas stalactites d'esse fojo,
vividos, tremulantes
mil prismas iriados de diamantes
em torno á Mãe de Deus,

Gotas d'agua pendidas, puras, bellas!
grinalda argentea n'um docel de estrellas!
fragmento augusto de equatorios ceos.

E quantas d'essas joias debruçadas
além, sobre os destroços d'esse morto,
que ella guardava attenta e desvellada
iam — estrella a estrella desmaiada —
cahindo, como lagrimas da noite,
em cima d'essa dôr inconsolada!

Ó Mãe de Deus que o viste ali morrer,
e na hora derradeira lhe assististe,
sem teres já sequer,
um manto onde o miserrimo se acoite,
como o teu rosto era velado e triste!

Os romeiros gentis que deslumbrados
foram com brilhos taes, tanta agonia
viram na Mãe de Deus que, ajoelhados,
entoaram em côro:

— «Ave, Maria,
cheia de graças mil, Deus é comtigo,
fulge em teus olhos a divina luz;
és bemdita entre todas as mulheres,
bemdito o filho teu, doce Jesus.
Santa Maria, que de Deus és Mãe!
agora e quando findem nossas dôres,
roga, pede por nós, os peccadores,
Amen!» —

E um grupo de aldeãs que entrado tinha
atraz dos filhos seus, n'aquelle instante
prostrando-se tremente e supplicante
em côro respondeu:

— «Salvè, Rainha,
Mãe de misericordia, nossa vida,
esperança e doçura, ouve estes brados
dos pobres filhos d'Eva, os degradados
n'este valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
pharoes de tanta luz,
advogada nossa! e após tamanhas
penas, miserias, maldições d'um erro,
ao cabo do desterro
O' mostra-nos Jesus,
filho das tuas virginaes entranhas!
e, dignos de promessas do Senhor,
consegue-nos a paz e o seu amor.

Depois, um *Laus-perenne;* a invia gruta
uma d'immensas ignoradas tumbas,
um misero ossoario
tornou-o a fé sublime em sanctuario
como foram de Roma as catacumbas.

Depois de longa porfiada lucta,
em honra da — *Senhora Apparecida* —
á Santa Mãe do amor
ergueu-se o egregio templo,
a capella risonha que contemplo
sobre a Rocha na margem do Jamor.
Quem tal prodigio fez?!
— Uma linda velhinha: — a *Tia Ignez.*

.....

THOMAZ RIBEIRO.

CHRONICA UNIVERSAL

ROMA

E' certa a eleição de Mgr. Aiuti, nuncio em Munich, para a Nunciatura de Lisboa.

Mgr. Aiuti já conhece os portuguezes pelo trato que teve com elles na India quando alli acompanhou Mgr. Agliardi, na questão do Padroado.

A 26 de julho o Santo Padre, acompanhado dos membros da côrte pontificia e dos cardeaes Parocchi e Aloisi Masella, promulgou solemnemente o decreto approvando as virtudes em grau heroico do veneravel João Baptista Vianney, cura d'Ars. S. Santidade fez tambem um breve discurso ácerca das virtudes do mesmo veneravel.

O successor do Cardeal Satolli no cargo de Delegado nos Estados-Unidos será o Padre Martinelli, Prior Geral dos Agostinhos Calçados.

O S. Padre no dia de S. Joaquim distribuiu aos pobres 18:000 francos; sendo 14:000 para os indigentes das diversas freguezias, e o restante para soccorrer o clero necessitado.

PORTUGAL

Coube a Portugal a vez de exercer os seus bons officios para com as duas nações que em outras circumstancias lhe teem prestado identicos serviços.

Graças á intervenção de Portugal, está resolvido o conflicto que existia entre o Brazil e a Inglaterra ácerca da ilha da Trindade. A Inglaterra cedeu das suas pretensões sobre aquella ilha reconhecendo os direitos do Brazil.

A greve dos empregados do gaz de Lisboa. — Por ter sido despedido o mestre Paixão, resolveram os empregados do gaz de Lisboa formar *greve*. Os prejuizos teem sido notaveis. Casas de commercio e companhias de espectaculos publicos reclamam indemnisações. Pelo menos houve conselho de ministros e varias conferencias entre os mesmos, a Companhia do Gaz e a Camara Municipal. Disse-se que a companhia mandou vir do estrangeiro 30 fogueiros. Por ultimo, graças á intervenção da Associação dos Logistas, houve conciliação, reentrando os operarios grevistas, que vieram pôr termo aos prejuizos que estava causando a greve.

Associação Propagadora de Publicações Catholicas. — Está felizmente fundada uma associação em Lisboa com o fim supra indicado.

A sua falta era bem sentida. Os fructos que ella póde chegar a produzir são dos mais excellentes. Praza a Deus que ella possa desenvolver toda a sua actividade. Os personagens que se acham á testa da nova e importante associação, não podiam ser mais bem escolhidos, são elles: S. ex.ª rev.ma o snr. arcebispo de Mitelene, presidente; effectivos: suas ex.as os snrs. conselheiro Jeronymo Pimentel, dr. Garcia Diniz, conde de Paraty e prior de Sá Pereira. Substitutos: major Carlos Pessoa, mons. Thomaz Balthazar, general Pimentel Maldonado e dr. Mendes Lage.

Felizmente o nosso Portugal tambem se fará representar no Congresso Anti-maçonico de Trento. A «mocidade catholica» de Lisboa, enviou a sua adhesão. Consta que irão a Trento 3 delegados: os ex.mos snrs. D. Francisco Lindoso, dr. Martins, lente de theologia, e Conde de Samodães.

No dia 3 de agosto reuniu-se o clero de Braga no Seminario Conciliar afim de proceder á eleição do presbytero que devia substituir o antigo abbade de Santo Iago da Cividade, no cargo de membro da commissão adjunta do Seminario, conforme ordena o Concilio Tridentino. Foi eleito por acclamação o benemerito abbade de S. João do Souto, R. P. José do Egypto Vieira.

No collegio do Sagrado Coração de Maria houve *soirée* dramatico-musical, por occasião da solemne distribuição dos premios. Presidiu o illustrado e muito digno secretario do ex.mo e rev.mo Arcebispo Primaz, que ao abrir o acto, proferiu uma bella allocução adequada á circumstancia.

As alumnas premiadas foram muitas.

Todas desempenharam com muita perfeição os papeis de que se haviam encarregado, assim, canto no canto, como na parte instrumental e scenaria. Mais uma vez este collegio affirmou os seus creditos de boa casa de educação.

ITALIA

Crispi apupado. — O celebre trigamo lembrou-se de ir fazer uma cura ás aguas de Albano. Mas, a primeira vez que entrou no banho, foi tal a assuada e os morras dados ao pobre homem, que se viu obrigado a retirar não só do banho, mas até de Albano, fugindo para Florença.

Egualmente o general Baratieri, que embarcou em Ala para a Austria, foi insultado por um militar que lhe disse: hei-de vingar as mães, cujos filhos tu fizeste morrer em Africa.

Está ajustado o casamento do Principe de Napoles com a princeza Helena, montenegrina. O futuro rei de Italia não achou entre as grandes familias reinantes quem lhe quizesse fazer companhia no seu logar de carcereiro do Papa. Abaixou-se a tomar a filha d'um rei cujos estados não contam a terça parte dos habitantes de Roma.

A Italia recebeu mal este consorcio muito embora os jornaes officiaes digam o contrario. A princeza, com licença do tzar, abraçará a fé catholica. As bodas parece que terão logar em Montenegro.

Trabalha-se com toda a actividade na preparação para o congresso eucharistico de Orvieto. Será presidido pelo Em.mo Parochi, com a assistencia de outros cardeaes e muitos prelados. O Santo Padre enviará áquelle congresso varios objectos dos thesouros de Roma referentes á Eucharistia, para serem expostos durante o tempo que elle durar.

Depois do congresso de Orvieto abrir-se-á um outro em Fiesole.

O general Vallès foi encarregado pelo governo italiano da missão de tratar com o Negus as condições para obter a liberdade dos prisioneiros italianos.

Ainda assim, affirma um jornal da alta Italia que se fazem preparativos para enviar á Africa um exercito de 60 ou 80 mil homens, no caso de serem requisitados. Este grosso exercito seria acompanhado por um principe da casa de Saboia. A despeza seria de 100 milhões, estando o rei disposto a concorrer com cinco milhões.

FRANÇA

O fisco começou a executar a lei iniqua contra as ordens religiosas que recusaram entregar os seus bens a quem lhes queria roubar, preferindo que lh'os arrancassem á força. Em Puy deu-se um caso digno de mensão que muito honra os catholicos francezes d'aquella região, e é ao mesmo tempo o *fiasco* mais solemne para a maçonaria judaica. O executor fiscal procedeu á venda das colheitas dos religiosos conhecidos pelo nome de *Frères*. Não apparecia comprador. Um dos assistentes offereceu por troça um franco; um outro offereceu zero; houve um terceiro que se propoz comprar as colheitas por um soldo! Afinal, um amigo dos religiosos resolveu-se a comprar por 145 francos os bens que estavam avaliados em 2:000.

Um outro lote avaliado em 8:000 francos foi vendido por 20 a alguns amigos dos religiosos. Todos estes compradores tomaram os bens dos religiosos com intenção de lh'os restituir.

O povo indignou-se profundamente contra uma lei tão infame, e deu vivas aos religiosos, gritando ao mesmo tempo contra os maçons, judeus e companhia! Em outros pontos tem-se procedido ás mesmas execuções, com identicos protestos do povo.

Morreu Spüller, antigo ministro e auctor da celebre phrase «Espirito novo» que tanto deu que fallar. Spüller queria, apesar de livre pensador, a união da Republica com a Igreja para combater as desordens do socialismo.

Em Saint-Dié teve lugar a inauguração do monumento a Julio Ferry. Discursaram varios ministros, entre elles Méline, e todos souberam inaltecer a obra (destruidora) de Ferry.

As pregrinações a Lourdes revestiram a mesma solemnidade imponente que os demais annos.

As festas de Reims em honra de Clovis teem sido egualmente uma brilhante expansão da alma catholica da nobre França.

Em Reims tambem se celebrou o grande congresso annual da Ordem Terceira de S. Francisco, de que fallaremos no proximo numero.

INGLATERRA

Jameson, o flibusteiro de Pretoria, foi condemnado em Londres, mas a pena modicissima, em confronto do crime que havia commettido. Ainda assim foi recommendado á clemencia da corôa, e movem-se empenhos para que o presidente do Transwal interceda em seu favor.

Celebrou-se em Londres o congresso socialista. Assistiram representantes operarios de todas a nações. Os francezes, porem, não acordaram na exposição do seu ideal, rebentando, por isso, scisma entre elles. De Portugal tambem foi assistir o operario da casa da moeda, conhecido pelo nome de Azedo Gneco.

CRETA

Os graves negocios d'esta ilha infeliz longe de entrarem em vias de pacificação parecem aggravar-se cada vez mais.

O telegrapho envia a cada passo noticias contradictorias. O que é certo é que os morticinios, os incendios, as devastações de todos os generos vão-se perpetrando em longa escala. Todas as noites chegam á ilha novos reforços da Grecia de gente e de munições. As donzellas cretenses bordaram uma rica bandeira para os officiaes gregos que foram auxiliar os cretenses.

N'ella estava gravada a ouro a seguinte inscripção: *União ou Morte*.

Falla-se de um accordo das potencias, mas esse accordo não acaba de chegar, porque, ao que parece, a Inglaterra, auctora dos morticinios horriveis da Armenia, tem seus manejos occultos sobre a desventurada Creta.

Varia

O proximo centenario de S. Luiz de Tolosa, e SS. o Papa Leão XIII. — O grande S. Luiz de Tolosa, destinado por Deus a ser no seculo XIII, o que havia de ser Luiz de Gonzaga no seculo XVI, nasceu no Castello de Brignoles, na Provença, de Carlos II, Conde d'Anjou e da Provença, e de Maria, filha de Estevão V, Rei da Hungria.

E' condecorada com os mais bellos lances de virtudes christãs a sua vida de 23 annos apenas, e é com admiração que o vemos passar successivamente de herdeiro de tres corôas, ao estado do sacerdocio, d'aqui ao de religioso franciscano, e finalmente creado Bispo de Tolosa.

O joven santo distinguiu-se nomeadamente por uma castidade angelical, por uma caridade sem par, e uma humildade estrema. A Igreja não cabendo em si de jubilo perante a festa do seu glorioso filho, o chama admiravelmente: «Flôr viçosa de caridade, lyrio de virgindade, estrella fulgente, e vaso de santidade.»

Depois de haver entornado em volta de si o suave perfume de tão bellas virtudes, Luiz rendia a sua alma ao Creador no dia 19 d'agosto de 1297. O seu ultimo suspiro era uma invocação de esperança e amor á Rainha dos anjos. Foi então que um santo religioso viu subir sua alma aos ceos, escoltada por uma legião de espiritos bemaventurados, que, em seu melodioso descante, diziam es-

tas palavras: D'esta maneira são honrados os que servem ao «Senhor com innocencia e pureza.»

D'entre os muitos milagres que Deus operou por meio do seu servo, conta-se uma graça bem recente, que, pela intima relação que tem com o actual Pontifice, não podemos deixar de transcrever aqui. Carlos, Conde Pecci, e Anna Maria Jiacovacci, de Carpinetto, estavam enlutados com a perda de seus filhos, que a garra da morte arrebatara todos. A nobre familia Pecci extinguia-se assim no meio da afflicção e do pranto. Raymundo de Roma, religioso franciscano de provada virtude, aconselhou os nobres desposados a confiar-se á valiosa protecção de S. Luiz, com a promessa de que, obtendo um filho, lhe poriam o nome de Luiz, e, em testemunho de reconhecimento, celebrariam o dia 19 d'agosto com toda a solemnidade, precedida d'uma novena. Nove mezes depois o favor sollicitado era benevolamente cumprido, e um formoso menino Luiz Pecci via pela vez primeira a luz do mundo: era o pae do glorioso Pontifice que actualmente nos rege.

E' por esta razão que ha dois annos um appello geral resoou em todo o mundo para se commemorar o sexto centenario da preciosa morte de S. Luiz de Tolosa com as intenções seguintes:

1.ª Agradecer ao grande Santo o ter alcançado do Senhor a existencia d'um Pontifice tão sabio e tão santo.

2.ª Implorar de Deus, por seu intermedio o prolongamento da preciosa vida de Sua Santidade, por forma que elle desfructe das alegrias do centenario, e veja com satisfação despontar a aurora feliz d'uma liberdade mais ampla para a sua Igreja.

3.ª Conhecer melhor e invocar com novo ardor a protecção de S. Luiz que tão grande foi aos olhos de Deus pelas heroicas virtudes que praticou no curto prazo de vinte e tres annos.

Uma commissão está, desde 1894, estabelecida em Roma para dirigir os festejos commemorativos do centenario, e o Rev.mo Padre Ministro Geral dos Franciscanos lhe prometteu o concurso efficaz de toda a sua ordem e dos religiosos confiados á sua jurisdicção.

Para mais intimar a solemnidade, já se imprimiram em quasi todas as linguas a vida do Santo, novenas e triduos, que todos pódem fazer em particular, ou em commum. E' engenhoso o artificio com que lá fora vemos mil outros preparativos suggeridos pelo amor a S. Luiz e ao Summo Pontifice.

Tão santas fadigas foram já coroadas pela benção Apostolica, e seria temeridade desconfiar que os zelosos Prelados, e as publicações catholicas do mundo inteiro, não quizessem ter parte no bom exito d'esta gloriosa empreza, no anno proximo de 1897.

A *Voz de S. Antonio* appella desde já para todos os homens de boa vontade, na certeza de que o dia 19 d'agosto de 1897, que é o do sexto centenario de S. Luiz de Tolosa, virá contribuir grandemente para gloria de Deus, e consolação do nosso S. P. o Papa Leão XIII.

As Irmãs da caridade e Sarah de Mattos. — Os apostolos incendidos da impiedade na sua lida incessante e azafamada de tudo desacreditar e amesquinhar quanto se lhe opponha aos seus perfidos e perversos designios, serviram-se de uma pobre creança para d'ella fazer degrau para estigmatisar uma Congregação de senhoras piedosas e bemfazejas cuja vida immaculada e bemfazente põe em verdadeiro contraste a de seus implacaveis inimigos ainda quando elles alardeiem *virtudes* bombasticas de socialismo.

A imprensa jacobina e malsã noticiando a trasladação dos restos da triste Sarah de Mattos, aproveitou o ensejo para de novo accender no peito do povo ignorante e sem criterio o odio inveterado contra as congregações religiosas e contra a Igreja.

A *Nação* referindo-se ao pregão immoral dado pelo jornalismo sectario, annunciando a manifestação socialista na trasladação dos restos mortaes de Sarah de Mattos diz:

— «Desgraçada creança! A infamia sectaria serviu-se de ti, como instrumento de seus rancores felinos, não se importando nem com o arrastamento da tua reputação, nem com infames aggressões ainda agora repetidas a benemeritas dedicações que passam a vida a bem servir a Deus e ao proximo com o ensino e educação, ou com os humildes e corajosos serviços nos hospitaes e nos asylos e são mais de - *sessenta casas* — em todo o reino e já algumas alem-mar.

«E não se rende a raiva diabolica ante um tão ingente cumulo de bellas obras! E porque uma desgraçada joven deu que fallar e que pensar variamente á insensatez e á providade, estas, mixto repugnante, continuam na calumnia cobarde contra as humildes servas dos pobres e afflictos!!!»

«A que se reduz o *caso de Sarah de Mattos* para inculpar as optimas, respeitaveis e dignissimas religiosas das Trinas?

A um engano de remedio que tantas vezes se dão nas casas particulares mais cuidadosas, nos hospitaes, por toda a parte. Nada mais se poude averiguar; e quem conhece a casa das Trinas e suas habitadoras tem a convicção de que alli dentro d'aquellas paredes nada conscientemente criminoso se podia perpetrar.

«E o testemunho irrespondivel e innegavel é o facto de nunca, nem antes nem depois, ter constado nada, que podesse levar á simples suspeita do *caso da Sarah de Mattos*, como o tem adornado a paixão mais negregada, o sectarismo mais bruto, mais bronco e mais enraivado.

«Pretende-se por essas provincias fora pessoal para um asylo de miserias humanas mais repugnantes? Reclamam-se Irmãs das Trinas. — Cria-se junto da Eschola Medica uma enfermaria de molestias de olhos; chama-se para a dirigir um profissional de nomeada; esse acceita, mas com a condição expressa de ser sua a escolha de pessoal e elle, requer as Irmãs das Trinas.

Estabelece-se uma caridade verdadeiramente *Real*, um dispensario para creanças, obra nobilissima e christianissima, e o pessoal vae ser pedido ás Irmãs das Trinas — Senhoras da mais alta posição intentam a obra, nunca assaz louvada das cosinhas economicas, e la vão servir de cosinheiras as Irmãs das Trinas!

E nunca uma queixa, um reparo, que possa deprimir a caridade dirigente por causa da caridade servente, e sempre bençãos, louvores, admirações, de quem entende e é justo, para com as Irmãs das Trinas.

. . . . . .

Vá pois toda a canzoada jacobina e socialista espesinhar de novo a memoria da joven desventurada; mas vá com a certeza de que perpetra uma acção má e deshonrosa...»

— E foi. E por sobre os tumulos onde dormem o somno derradeiro á sombra da cruz os corpos de milhares de catholicos, alguns homens de mentalidades dessoradas esvasiaram a bilis rancorosa de seu ruim coração contra tudo que sobre a terra é mais digno de respeito, de amor e veneração. Irmãs, perdoai-lhe porque talvez não saibam o que fazem. Orai pelos vossos inimigos, como é preceito do Divino Mestre.

A divina justiça. — Não ha muito que um empregado no caminho de ferro de Salamanca foi despedaçado pelo comboio. Todos attribuem a castigo divino tão lamentavel desastre. Porque um companheiro do infeliz teve a lembrança de collocar no logar que occupava o desditoso uma cruz de pau, este, á vista do signal de nossa Redempção, começou de blasphemar desesperadamente, horrivelmente, fazendo ostentação de impiedade e arrojando em seguida com a cruz ao caminho, e ao mesmo tempo acompanhando esta acção de tremendas blasphemias. Poucas horas depois, *no mesmo logar*, ao querer saltar d'um carro para outro, cahe sobre o caminho sendo então horrivelmente despedaçado e seus membros e visceras derramados em distancia.

— E' boa a lição, assim a aproveitem os impios blasphemos.

Cura em Lourdes.—Registamos mais uma nova cura narrada pelo correspondente d'um jornal da nação visinha.

E' a cura d'um mancebo de 17 annos, natural de Perpignan, que era tolhido de nascença e paralytico de todos os membros. Era tão delicado o seu estado de saude ao emprehender a viagem a Lourdes que o medico aconselhou os paes a que não arriscassem a fragil vida de seu filho, porque era provavel morresse no caminho.

A fé porém era muita e muito fervorosa e o doente chegou ainda com vida á basilica de Lourdes.

Entrou na piscina e no primeiro dia póde logo dar algum movimento aos pés. No segundo porém ao sahir da piscina pôde já em presença de milhares de possoas, andar de per si, só, na praça da piscina e da gruta e de tarde acompanhar a procissão.

Sirva de exemplo. — Um casal ou par livre-pensador de Anvryes (França) havia projectado com o apoio e conselho do *maire* e professora, um baptismo civil para o dia de Ascensão, em que varios meninos da escola catholica faziam sua primeira communhão; no mesmo dia porém — Aitos juizos de Deus! — de manhã quando tudo estava preparado e disposto para a impia cerimonia, foi o pai da criancinha assaltado de loucura furiosa e tornou-se necessario leval-o preso a um hospital de doidos.

Castigou Deus a loucura da alma com a loucura da rasão.

Todo o povo conheceu n'isto castigo do ceu que foi saudavel exemplo para o futuro.

Se os nossos apostolos do registo civil aproveitassem da licção!